

A criança está completamente imersa na infância  
a criança não sabe que há-de fazer da infância  
a criança coincide com a infância  
a criança deixa-se invadir pela infância e pelo sono  
deixa cair a cabeça e voga na infância  
a criança mergulha na infância como no mar  
a infância é o elemento da criança como a água  
é o elemento do próprio peixe  
a criança não sabe que pertence à terra  
a sabedoria da criança é não saber que morre  
a criança morre na adolescência  
Se foste criança diz-me a cor do teu país  
Eu te digo que o meu era da cor do bibe  
e tinha o tamanho de um pau de giz  
Naquele tempo tudo acontecia pela primeira vez  
Ainda hoje trago os cheiros no nariz  
Senhor que a minha vida seja permitir a infância  
embora nunca mais eu saiba como ela se diz

RUY BELO

## CAPÍTULO 5



# INQUÉRITO ÀS CONDIÇÕES DE VIDA DAS FAMÍLIAS E HÁBITOS DAS CRIANÇAS

sem texto

Em branco

sem figuras

O crescimento físico das crianças e conseqüentemente os valores dos seus parâmetros antropométricos resultam de uma complexa interacção de factores intrínsecos, ou genéticos, e extrínsecos, ou ambientais. Entre os factores ambientais identificam-se causas directas, como a alimentação e os cuidados de saúde e higiene, e causas indirectas que influenciam aqueles dois vectores e podem igualmente ser condicionantes do crescimento e desenvolvimento físico. Nos factores ambientais que actuam indirectamente incluem-se o tamanho do agregado familiar, o número de irmãos e ordem de nascimento, as condições de habitação, os recursos disponíveis, a educação e a profissão dos pais (GARN & SHAMIR, 1958). A informação sobre os hipotéticos factores ambientais foi obtida por meio de um questionário preenchido pelos pais ou encarregados de educação dos alunos observados.

### **5.1. PREPARAÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E RECOLHA DOS INQUÉRITOS**

O inquérito resultou de dois questionários previamente testados com funcionários de diferente nível social e cultural, empregados da limpeza, escriturários, docentes e investigadores do Centro de Antropobiologia (IICT) e do Departamento de Zoologia e Antropologia (FCUL). As críticas e sugestões dos colegas que testaram o inquérito, contribuíram para superar algumas ambigüidades na formulação das questões, mas a sua proximidade e boa vontade, limitou a possibilidade de ultrapassar todas as dificuldades de preenchimento que só os resultados obtidos vieram evidenciar.

O inquérito, na sua versão final (ver Apêndice A), era constituído por três grandes grupos de perguntas, sobre o agregado familiar, sobre os ascendentes da criança e sobre a vida da criança desde o período pré-natal. No total o questionário ocupava seis páginas dactilografadas constituindo uma capa com quatro páginas e uma folha solta com perguntas nas duas páginas. A primeira página da capa incluía um quadro para preencher com

os dados relativos aos elementos do agregado familiar, sete questões sobre a habitação e duas questões sobre os rendimentos da família. As restantes páginas da capa continham um questionário idêntico para cada um dos seis ascendentes directos da criança, pais e avós. A folha solta, incluía a identificação da criança, três grupos de questões relativas a diversas etapas da vida da criança, pré-natal, peri-natal e primeira infância, dois conjuntos de questões sobre os hábitos diários nos dias de escola e nos fins de semana, e um último grupo de questões sobre outros aspectos da vida da criança.

Os inquéritos foram distribuídos, aos pais e encarregados de educação das crianças, dentro de um sobrescrito timbrado acompanhados de uma breve carta explicando os objectivos do questionário, esclarecendo a forma de preenchimento e sublinhando o sigilo das respostas. O encaminhamento dos inquéritos e a sua recolha foram efectuados através dos directores e dos professores nos vários estabelecimentos de ensino onde decorreram as observações.

Dos 706 inquéritos distribuídos foram devolvidos menos de metade, esta reduzida percentagem de devoluções resultou principalmente da falta de resposta dos pais e encarregados de educação das crianças das escolas particulares. A tabela 5.1. apresenta o número de indivíduos, incluídos nos vários grupos das amostras estudadas, para os quais foi possível obter informação através do inquérito.

*Tabela 5.1. Inquéritos devolvidos dos indivíduos das duas amostras.*

Sexo	Escola	Amostra	Inquéritos recebidos	
Sexo Masculino		N	N	%
	Escolas oficiais	161	123	76,4
	Escolas particulares	151	31	20,5
	Total	312	154	49,4
Sexo Feminino		N	N	%
	Escolas oficiais	149	111	74,5
	Escolas particulares	94	23	24,5
	Total	243	134	55,1

Do total de 555 indivíduos incluídos nas amostras do estudo antropométrico só foi possível recolher os inquéritos de 288 que correspondem a uma percentagem de 51,9 % de devoluções.

## **5.2. TRANSCRIÇÃO DA INFORMAÇÃO DOS INQUÉRITOS**

As respostas ao questionário distribuído podem classificar-se em respostas alternativas, tipo sim/não, respostas de escolha múltipla, com alternativas de uma escala ordenada ou alternativas qualitativas arbitrárias e sem escala e respostas descritivas com informação quantitativa.

A informação foi transcrita para uma matriz com variáveis de diversos tipos: variáveis lógicas (0 ou 1), variáveis de escala ordenada correspondentes a diversos graus (1, 2, 3 ... n), variáveis nominais sem intervalos de escala e sem ordenação (Q, F, P, ...) e variáveis quantitativas. Sempre que uma questão não era respondida o lugar dessa resposta na matriz era substituído por um código (-1).

A transcrição envolveu simultaneamente um processo de codificação das respostas qualitativas e de conversão das alternativas em valores numéricos. Definidos os códigos, elaborou-se um pequeno programa para introdução dos dados em computador que reproduzia no monitor os sucessivos quadros do inquérito e validava os valores introduzidos.

No final a matriz era constituída por 288 casos com 205 variáveis e 6 campos para notas onde se registou qualquer informação ou esclarecimento suplementar.

As tabelas 5.2., 5.3. e 5.4. apresentam a designação, código, tipo de variável e número de respostas obtidas com o inquérito às condições de vida dos agregados familiares das crianças observadas.

Tabela 5.2. Descrição, código, número de respostas e tipo das variáveis da 1ª página do inquérito: *N* - variável quantitativa, *L* variável lógica, *On* variável classificatória com *n* classes.

Descrição	Código	R.	Tipo	Descrição	Código	R.	Tipo
Número de ficha	NI	288	N	Tipo de casa	V009	278	O6
N.º. de irmãos	V001	171	N	Tipo de propriedade	V010	270	O3
Mais velhos	V002	163	N	Quarto próprio	V011	279	L
Idade do pai	V003	161	N	Cama própria	V012	265	L
Peso do pai	V004	221	N	Localização	V013	229	O2
Estatura do pai	V005	219	N	N.º. divisões sem janela	V014	106	N
Idade do mãe	V006	163	N	Janelas	V015	244	N
Peso do mãe	V007	231	N	Gasto com alimentação %	V016	95	N
Estatura do mãe	V008	226	N	Gasto com a casa %	V017	73	N
Tamanho do agregado	V018	204	N				

Tabela 5.3. Descrição, código e tipo das variáveis das páginas 2, 3 e 4 do inquérito: *N* - variável quantitativa, *L* variável lógica, *On* variável classificatória com *n* classes.

Descrição das variáveis	Progenitores				Avós paternos				Avós maternos				Tipo
	♂		♀		♂		♀		♂		♀		
	Cód.	R.	Cód.	R.	Cód.	R.	Cód.	R.	Cód.	R.	Cód.	R.	
Estado civil	V019	274	V040	272	V062	144	V083	173	V105	203	V126	189	O4
Ano de estado civil	V020	256	V041	256	V063	106	V084	128	V106	121	V127	147	N
Local de nascimento (c.p.)	V021	272	V042	275	V064	193	V085	210	V107	198	V128	222	N
Morada	V022	265	V043	271	V065	156	V086	177	V108	158	V129	198	O3
Peso	V023	248	V044	256	V066	99	V087	103	V109	109	V130	137	N
Estatura	V024	245	V045	252	V067	103	V088	102	V110	112	V131	134	N
Sofre de doença	V025	259	V046	259	V068	140	V089	154	V111	150	V132	178	L
N.º. de irmãos	V026	274	V047	264	V069	138	V090	151	V112	153	V133	170	N
N.º. de irmãos mais velhos	V027	266	V048	259	V070	128	V091	138	V113	148	V134	164	N
Ingestão de álcool	V028	268	V049	262	V071	148	V092	155	V114	156	V135	185	O3
Tabagismo	V029	256	V050	249	V072	137	V093	146	V115	150	V136	164	O4
Anos de escolaridade	V030	266	V051	266	V073	126	V094	144	V116	146	V137	175	N
Habilitações escolares	V031	273	V052	270	V074	136	V095	149	V117	150	V138	179	O6
Profissão	V032	268	V053	249	V075	134	V096	114	V118	140	V139	147	O6
Horas de trabalho diário	V033	220	V054	159	V076	59	V097	13	V119	60	V140	23	N
Horas de trabalho semanal	V034	210	V055	154	V077	49	V098	12	V120	54	V141	20	N
Trabalho nocturno	V035	79	V056	48	V078	15	V099	2	V121	15	V142	3	L
N.º. horas fora de casa	V036	181	V057	134	V079	39	V100	7	V122	45	V143	17	N
N.º. de promoções	V037	118	V058	81	V080	9	V101	2	V123	16	V144	5	N
Remuneração	V038	236	V059	165	V081	85	V102	44	V124	87	V145	56	O6
N.º. mudanças de casa	V039	177	V060	164	V082	54	V103	48	V125	66	V146	58	N
Parentesco			V061	233			V104	136			V147	158	O6

Tabela 5.4. Descrição, código, número de respostas e tipo das variáveis da página 5 do inquérito: *N* - variável quantitativa, *L* variável lógica, *On* variável classificatória com *n* classes

Descrição	Código	R.	Tipo	Descrição	Código	R.	Tipo
Sexo	V148	288	O2	Assist. médica urgente	V165	261	L
Local de nascimento (c.p.)	V149	282	N	Incubadora	V166	238	L
Data de nascimento	V150	281	N	Peso ao nascer	V167	254	N
Cuidados médicos	V151	277	L	Comprimento ao nascer	V168	142	N
Cuidados alimentares	V152	256	L	Perímetro cefálico	V169	24	N
Patologia	V153	270	L	Dias para recuperar	V170	107	N
Fumo pai	V154	266	O5	Alimentação bebé	V171	276	O3
Fumo mãe	V155	260	O5	Recordações	V172	248	O8
Álcool pai	V156	261	O3	N.º Anos de creche	V173	58	N
Álcool mãe	V157	257	O3	N.º. Anos de infantário	V174	108	N
Variação de peso	V158	189	N	Doenças *	V175	225	O16
Local de parto	V159	276	O3	N.º de Doenças indicado	V176	236	N
Assistência ao parto	V160	270	O3	Acidente e acamado	V177	242	L
Tipo de parto	V161	269	O2	Nº. dias acamado	V178	165	N
Processo de parto	V163	274	O7	Urgência chama	V179	264	O5
Choro espontâneo	V164	248	L				

\*Desdobrada em 16 variáveis lógicas.

Tabela 5.5. Descrição, código, número de respostas e tipo das variáveis da página 6 do inquérito, *N* - variável quantitativa, *L* variável lógica, *On* variável classificatória com *n* classes.

Descrição	Código	R.	Tipo	Descrição	Código	R.	Tipo
Ritmo de deitar	V180	274	L	Casa de fim de semana (f.s.)	V193	265	L
Ritmo de levantar	V181	272	L	Dorme de tarde	V194	263	L
Tipo de sono	V182	264	L	N.º de horas de sono	V195	249	N
Dorme de tarde	V183	271	L	Tipo de passeio	V196	257	O4
N.º. de horas de sono	V184	269	N	Ritmo das refeições (f.s.)	V197	261	L
Ritmo das refeições	V185	271	L	N.º de refeições (f.s.)	V198	232	N
N.º. de refeições	V186	272	N	Vai brincar no exterior	V199	259	L
Gosta de correr	V187	262	O3	Pratica desporto	V200	265	L
N.º de refeições em casa	V188	271	N	Veze por semana	V201	104	N
N.º de horas fora de casa	V189	245	N	Horas por semana	V202	103	N
Deslocação para a escola	V190	268	O3	Ferías noutra local	V203	264	L
Tempo de casa à escola	V191	262	N	Mudanças de casa	V204	236	N
Tempo de televisão	V192	249	N	Mudanças recentes	V205	208	N

A partir deste conjunto de variáveis procurou-se reproduzir com parcimónia a informação, combinando os resultados obtidos em questões relacionadas.

No plano inicial os dados resultantes do inquérito seriam objecto de análises multivariadas, de modo a reduzir os vários conjuntos de respostas, sobre o mesmo assunto, a um mínimo de variáveis com significado, eliminando a redundância introduzida por algumas das questões formuladas para confirmar e esclarecer respostas a outras questões.

Se por um lado esta estratégia aumentou o poder discriminativo do inquérito, minimizando os efeitos do auto preenchimento, por outro lado, a extensão do questionário contribuiu para um grande número de respostas em branco e conduziu à elevada percentagem de inquéritos não devolvidos.

Todas as análises efectuadas ficaram condicionadas pelo número de questões não respondidas. Qualquer dos algoritmos disponíveis para análise multivariada encara as matrizes com valores em falta de uma de três formas. A mais comum consiste em eliminar pura e simplesmente qualquer caso em que não haja informação para uma variável. Outra alternativa substitui os valores em falta pela média dessa variável na matriz. Um terceiro procedimento consiste em substituir os dados em falta em cada caso por valores médios das variáveis ponderados pelos dados disponíveis nesse caso, assumindo uma elevada correlação entre as variáveis.

Para cada variável da matriz de dados dos inquéritos efectuou-se uma análise das frequências ou dos parâmetros estatísticos de distribuição e tendência central, conforme o tipo de variável.

### **5.3. RESULTADOS DA ANÁLISE DOS INQUÉRITOS**

A partir da informação compilada dos inquéritos às condições de vida das famílias e hábitos das crianças analisou-se a variação de alguns factores que frequentemente aparecem associados ao crescimento físico das crianças tais como: o tamanho do agregado familiar, o n.º de irmãos e a ordem de nascimento da criança; a idade dos progenitores, as despesas do agregado familiar, as condições da habitação, o estado civil dos ascendentes, a origem e mobilidade dos ascendentes; a antropometria dos ascendentes; o tabagismo, o consumo de bebidas alcoólicas e saúde dos ascendentes; a educação dos ascendentes, a actividade profissional dos ascendentes e a consanguinidade dos ascendentes. Criou-se uma variável categórica

arbitrária com base na informação sobre as condições de vida dos ascendentes directos, a que se chamou grupo sócio-económico. Analisou-se a relação entre os grupos sócio-económicos e as variáveis referentes à vida e hábitos das crianças.

### 5.3.1. Tamanho do agregado familiar, n.º de irmãos e ordem de nascimento.

O tamanho do agregado familiar, o número de irmãos e a ordem de nascimento das crianças condicionam a disponibilidade de recursos. Nas famílias com menores recursos o tamanho do agregado familiar pode inclusivamente afectar o suprimento adequado das necessidades nutricionais e dos cuidados de higiene e saúde das crianças.

Metade das respostas obtidas correspondem a famílias constituídas pelos progenitores e dois filhos, em 22% dos casos as famílias têm apenas 1 filho e em 26% têm 3 filhos ou mais filhos.

Na tabela 5.6 registam-se os valores das frequências do total de elementos do agregado familiar.

*Tabela 5.6. Tamanho dos agregados familiares.*

<b>Resposta</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
2	4	2,0
3	45	22,1
4	102	50,0
5	29	14,2
6	17	8,3
7	5	2,5
8	1	0,5
10	1	0,5
<b>Sem resposta</b>	<b>84</b>	<b>29,2</b>

Verifica-se um número mais elevado de inquéritos sem resposta à questão sobre o número de irmãos que à do tamanho do agregado familiar, provavelmente alguns dos inquéritos em que esta pergunta não foi respondida correspondem a situações em que a criança era filho único.

Das 171 respostas obtidas 13% afirmam não ter irmãos mas o número de crianças filhas únicas deve ser ligeiramente maior, mais de metade das

respostas indicam que as crianças têm apenas 1 irmão, 17% têm 2 irmãos, 9% têm 3 irmãos e 7% têm mais de 3 irmãos.

A tabela 5.7 mostra os resultados da análise das respostas quanto ao número de irmãos da criança.

*Tabela 5.7. Número de irmãos das crianças.*

<b>Resposta</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
0	22	12,9
1	95	55,6
2	29	17,0
3	16	9,4
4	6	3,5
5	2	1,2
7	1	0,6
<b>Sem Resposta</b>	<b>117</b>	<b>40,6</b>

À questão sobre número de irmãos mais velhos das crianças responderam apenas 125 dos 288 inquéritos devolvidos. Das respostas obtidas 44% indicam não terem irmãos mais velhos e só 11% referiam mais de 2 irmãos mais velhos.

Na tabela 5.8 registam-se os valores das frequências das respostas quanto ao número de irmãos mais velhos da criança.

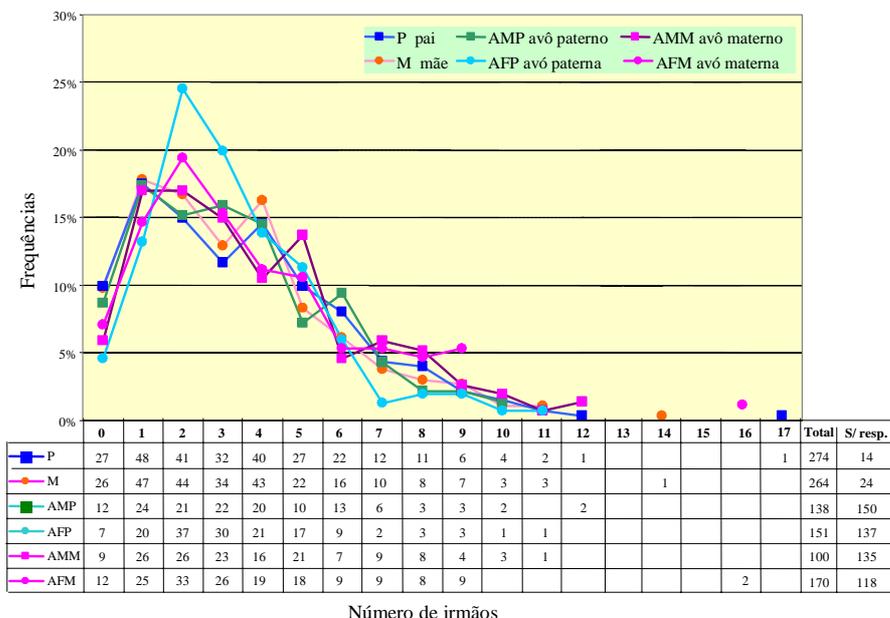
*Tabela 5.8. Número de irmãos mais velhos das crianças.*

<b>Resposta</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
0	71	43,6
1	53	32,5
2	21	12,9
3	12	7,4
4	3	1,8
5	3	1,8
<b>Sem resposta</b>	<b>125</b>	<b>43,4</b>

Para cada um dos seis ascendentes das crianças observadas calcularam-se as frequências do número total de irmãos e do número de irmãos mais velhos.

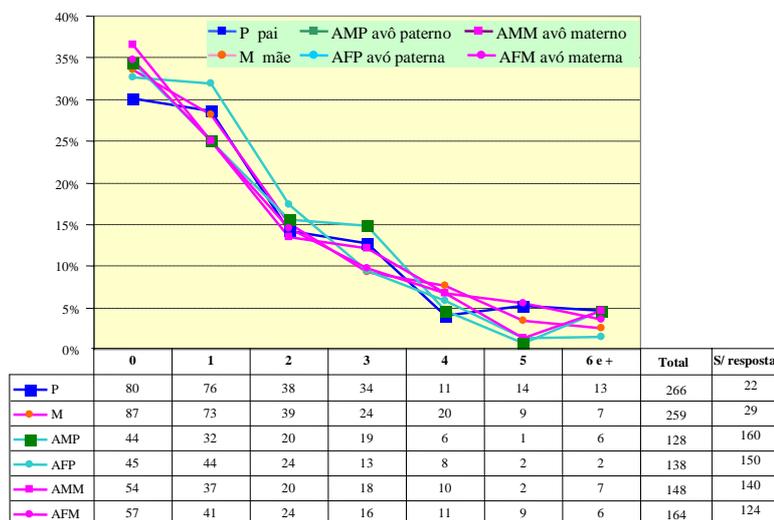
Em geral as frequências das respostas não diferem significativamente entre os ascendentes embora na geração dos avós o número de irmãos tenda a ser ligeiramente maior (ver figura 5.1).

**Número de Irmãos dos Ascendentes das Crianças**



Número de irmãos

**Número de Irmãos Mais Velhos dos Ascendentes das Crianças**



Número de irmãos mais velhos

Figura 5. 1. Distribuição do número de irmãos e do número de irmãos mais velhos dos 6 ascendentes directos da criança. As percentagens das ordenadas do gráfico correspondem ao quociente entre os valores para cada n.º de irmãos e o número total de respostas obtidas.

### 5.3.2. Idade dos progenitores.

A idade dos progenitores foi calculada a partir das datas de nascimento dos pais. A tabela 5.9. apresenta os valores estatísticos de tendência central, amplitude de variação e dispersão das idades dos pais. A distribuição dos valores das idades dos pais apresenta uma assimetria e uma concentração sobre a média significativas.

Tabela 5.9. Estatística descritiva das idades dos pais e da diferença de idades entre os pais.

	N	Mínimo	Mediana	Máximo	Média	D.P.	Assimetria	Achatamento
Idade do pai	161	26	37	66	37,21	6,72	1,015**	1,904**
Idade do mãe	163	24	34	50	34,18	5,59	0,351**	-0,202**
Diferença de idades	150	-4	2	26	3,61 <sup>a</sup>	3,43 <sup>a</sup>	1,695**	7,599**

<sup>a</sup>Parâmetros calculados com os valores absolutos da diferença de idades.

\*\*Valores significativos  $\alpha < 0.01$ .

Os gráficos da figura 5.2 mostram a dispersão dos valores das idades dos pais das crianças.

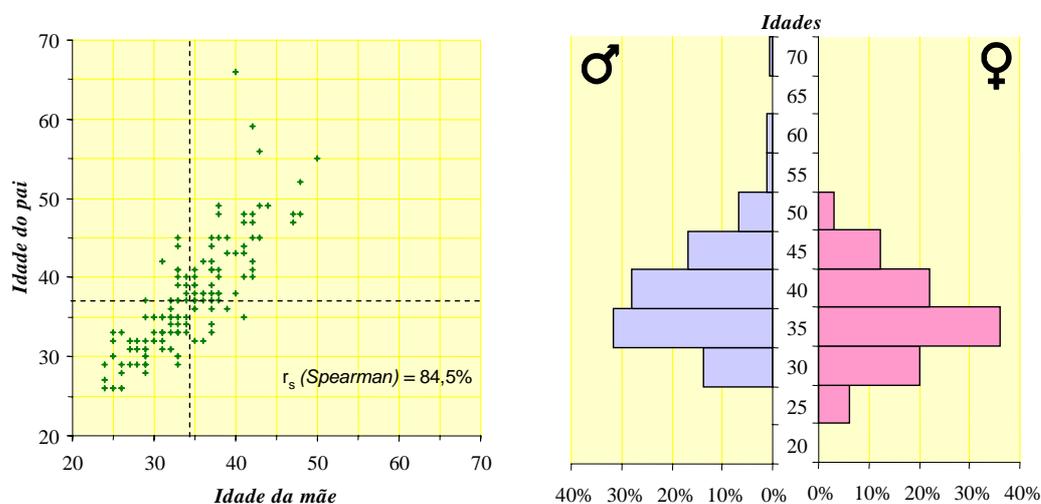


Figura 5. 2. Os pontos do gráfico da esquerda representam a dispersão dos valores das idades dos 150 casais; à direita a distribuição por classes de 5 anos dos valores das idades dos pais e das mães.

A idade da mãe por altura do nascimento da criança é por vezes considerado um factor de risco para o crescimento da criança. Os dados obtidos permitiram identificar 13% das mães tinham menos de 20 anos e 12% tinham mais de 35 anos em 1978.

Os casais tendem a ter uma idade aproximada com uma correlação significativa de 84,5 % e os pais tinham em média mais 3 a 4 anos que as mães. Só em 13% dos casais a mãe tinha uma idade mais elevada que o pai, 11% tinham a mesma idade e só em 5% dos casais o valor da idade do pai era mais de 8 anos acima do valor da idade da mãe.

### 5.3.3. Despesas do agregado familiar.

As respostas sobre a parte dos rendimentos do agregado familiar destinada à alimentação e a porção destinada aos encargos com a casa variaram numa grande amplitude. Os gastos relativos com a alimentação (GA) que se distribuíram entre os 11% e os 90% com uma média de 50% foram codificados de 1 a 3 em que 1 é atribuído a mais de 69% dos rendimentos despendidos com a alimentação e 3 quando o valor referido não ultrapassa os 29%. A variável gasto relativo com a casa (GC) apresentava uma amplitude de valores entre os 0% e os 60% e um valor médio de 12%. Os gastos relativos com a casa foram codificados de 1 a 3 em que 1 é atribuído a mais de 24% dos rendimentos desembolsados com a renda ou encargo com a casa e 3 quando o valor referido não ultrapassa os 10%. Em qualquer das variáveis, os limites dos 3 intervalos resultam de uma análise das descontinuidades na distribuição dos valores indicados nas respostas.

A tabela 5.10. apresenta a distribuição pelos grupos considerados das respostas sobre os gastos em alimentação e com a casa relativos ao rendimento total.

*Tabela 5.10. Gastos relativos com a alimentação e a casa*

Nível dos gastos	Alimentação		Casa	
	N	%	N	%
<b>1 (elevados)</b>	17	10,7	9	12,5
<b>2 (médios)</b>	68	72,4	21	28,6
<b>3 (reduzidos)</b>	10	18,2	43	58,9
<b>S/ informação</b>	212	74,7	190	67,0

A distribuição obtida mostra uma concentração de valores no grupo de gastos médios com a alimentação e no grupo de gastos reduzidos com a renda ou encargos de pagamento da casa. Convém sublinhar que estes resultados podem estar fortemente influenciados pelo número de inquiridos sem respostas a estas questões que é muito elevado: 67% não indicam qualquer valor para os gastos com a alimentação e 75% não dão informação sobre a percentagem de rendimentos utilizada para pagar os encargos com a casa.

#### **5.3.4. Condições da habitação.**

As condições de habitação foram classificadas em três grupos: insuficientes, médias e acima da média. O tipo de casa (V009) foi a variável original de partida para elaborar a nova variável. Classificaram-se como condições de habitação insuficientes os casos que indicavam como tipo de habitação quarto, mista, barraca ou outra e os que responderam apartamento ou moradia mas simultaneamente referiram a não existência de quarto (V011) e cama (V012) individual para a criança; consideraram-se condições de habitação médias, os casos que indicaram apartamento ou andar como tipo de habitação e a existência de cama própria para a criança e aqueles que assinalaram barraca ou outro tipo de habitação mas simultaneamente referiram a existência de quarto e cama individuais para a criança; agruparam-se no terceiro grupo, condições de habitação acima da média, os casos que referiram moradia como tipo de habitação, excluindo os que foram classificados nos outros grupos, e os que indicaram viver num apartamento, mas simultaneamente referiram a existência de mais de uma janela para a rua por elemento do agregado familiar  $[(V015/V018)>1]$ , quarto e cama individuais para a criança. A questão sobre a localização da habitação não foi considerada porque das respostas obtidas só duas referiam a casa localizada em meio rural, habitações da freguesia da Charneca situadas num bairro em

que a actividade agrícola funciona como complemento e está limitada a pequenas hortas ou quintais. As respostas à questão sobre o número de divisões interiores também não foram consideradas porque em muitos casos elas eram incoerentes com as respostas dadas à pergunta sobre o número de janelas da casa e tornou-se difícil distinguir entre os que respondem ao que se perguntava e os que indicam o número total de divisões da casa.

Dos 288 inquéritos analisados foi possível classificar as condições de habitação em 278 casos, destes 30% foram considerados como tendo condições de habitação abaixo da média, 50% incluídos no grupo médio e 20% revelaram ter condições de habitação acima da média. Na figura 5.3. apresentam-se as distribuições dos valores das respostas originais às questões relativas à habitação pelos três grupos de condições de habitação.

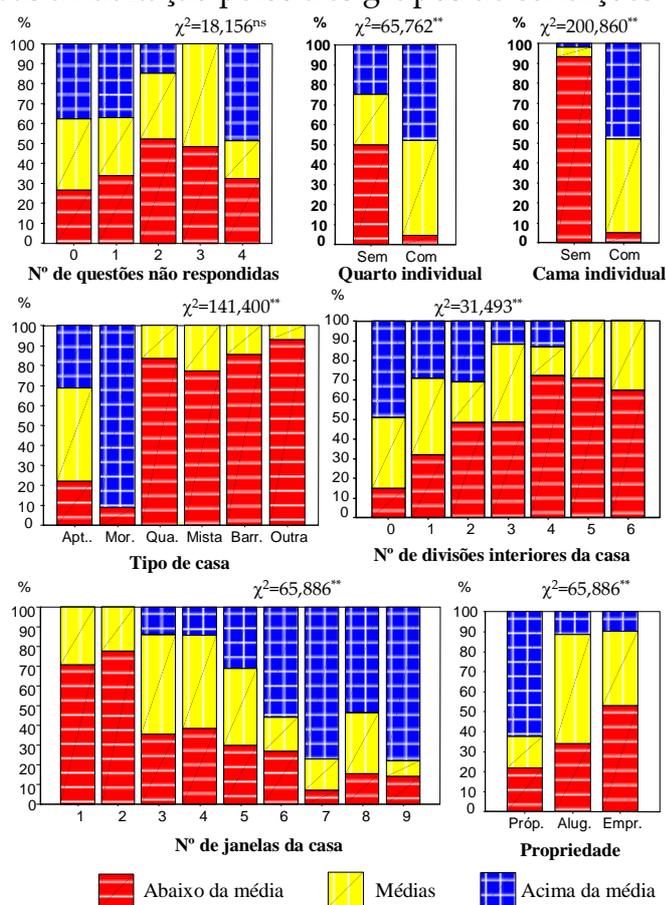


Figura 5. 3. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas originais às questões sobre habitação pelos 3 grupos de condições de habitação considerados. Junto de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

### 5.3.5. Estado civil dos ascendentes.

Para cada ascendente da criança o questionário incluía uma pergunta sobre o estado civil e outra sobre o ano de alteração do estado civil.

As respostas foram classificadas em 4 grupos: solteiros, casados, separados e viúvos. Os resultados obtidos estão na tabela 5.11.

Tabela 5.11. Frequência das resposta às questões sobre o estado civil dos ascendentes da criança.

Estado civil: Ascendente	Solteiro		Casado		Separado		Viúvo		S/ informação	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pai	8	2,90%	247	90,80%	15	5,50%	2	0,70%	16	5,60%
Mãe	8	2,90%	247	90,80%	15	5,50%	2	0,70%	16	5,60%
Avô paterno	3	2,10%	109	75,70%	5	3,50%	27	18,80%	144	50,00%
Avó paterna	6	3,50%	105	60,70%	5	2,90%	57	32,90%	115	39,90%
Avô materno	11	6,80%	125	77,60%	8	5,00%	17	10,60%	127	44,10%
Avó materna	4	2,10%	122	64,60%	7	3,70%	56	29,60%	99	34,40%

A maioria dos ascendentes é casada. Dos pais só 9% não é casada. Talvez como reflexo da maior longevidade das avós, a frequência de viúvas varia entre 34% e 30% nas avós enquanto nos avôs só entre 19% e 11% são viúvos.

### 5.3.6. Origem e mobilidade dos ascendentes.

As respostas às questões sobre o local de nascimento dos ascendentes e da criança observada foram transcritas sob a forma de código postal da localidade indicada. Todos os valores de código postal foram truncadas dos dois últimos dígitos e recodificadas em 12 grupos regionais, que reflectem sobretudo as facilidades de comunicação entre as localidades (em 1984 o código postal era constituído por apenas 4 algarismos e o nome da localidade).

Na tabela 5.12 enumeram-se os grupos, a respectiva designação, algumas localidades neles incluídas e os dois dígitos à esquerda nos códigos postais (exemplo Hospital de St<sup>a</sup> Maria, 1600 LISBOA = 16).

Tabela 5.12. Regiões dos locais de nascimento dos ascendentes, algumas das localidades nelas incluídas mencionadas nas respostas e os códigos utilizados.

Região	Localidades	Códigos
Lisboa (cidade)	Todas as freguesias de Lisboa.	10 a 19
Lisboa (arredores)	Coruche, Vila Franca de Xira, Amadora, Almada e Setúbal.	21, 26, 27, 28 e 29
Litoral Centro	Leiria, Caldas da Rainha, Pombal, São João da Madeira e Aveiro.	24, 25, 31, 37 e 38
Centro	Santarém, Abrantes, Tomar, Coimbra, Lousã, Arganil, Oliveira do Hospital, Viseu e Castro Daire.	20, 22, 23, 30, 32 a 36
Litoral Norte	Porto, Vila Nova de Gaia, Espinho, Amarante, Braga, Guimarães e Viana do Castelo.	40, 44 a 49
Interior Norte	Vila Real, Lamego, Mogadouro, Bragança e Chaves.	50 a 54
Interior Centro	Castelo Branco, Sertã, Covilhã, Guarda e Pinhel.	60 a 64
Alentejo	Vila Nova de Santo André, Évora, Estremoz, Reguengos de Monsaraz, Portalegre, Ponte de Sor, Aljustrel, Almodovar, Beja e Ferreira do Alentejo.	70 a 79
Algarve	Faro, Loulé, Albufeira, Silves, Lagoa, Portimão, Lagos, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António.	80 a 89
Madeira	Funchal, Santa Cruz, Câmara de Lobos, Machico e Porto Santo.	90 a 94
Açores	Ponta Delgada, Ribeira Grande, Angra do Heroísmo, Velas e Horta.	95 a 99
Fora do Território	Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, Macau, Brasil e Espanha.	101 a 107

A maioria das crianças nasceu na cidade de Lisboa, só 10% das respostas indicam outra localidade. A tabela 5.13 apresenta a distribuição dos locais de nascimento pelas zonas consideradas. As linhas correspondentes ao Interior Centro, ao Algarve e aos Açores foram suprimidas porque nenhum inquérito as referia como local de nascimento das crianças.

Tabela 5.13. Locais de nascimento das crianças

	N	%
Lisboa (cidade)	253	89,7
Lisboa (arredores)	6	2,1
Litoral Centro	4	1,4
Centro	4	1,4
Litoral Norte	2	0,7
Interior Norte	6	2,1
Alentejo	1	0,4
Madeira	1	0,4
Fora do território	5	1,8
S/ Informação	6	2,1
Total	288	100,0

Na tabela 5.14. estão registados os resultados da análise de frequências das respostas às questões sobre o local de nascimento dos ascendentes directos.

Nos 288 inquéritos 79% tinham respostas às perguntas sobre a origem dos familiares, mas apenas 133 (46%) indicavam o local de nascimento de todos os ascendentes, 6 não tinham qualquer resposta e 2 apenas referiam o local de nascimento de um progenitor. Estes 8 foram excluídos.

Tabela 5.14. Nº de ascendentes originários de cada uma das regiões consideradas.

Região de Nascimento	Progenitores				Avós paternos				Avós maternos			
	♂		♀		♂		♀		♂		♀	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Lisboa (cidade)	86	31,4	92	33,7	28	14,6	38	18,2	42	21,3	36	16,2
Lisboa (arredores)	15	5,5	10	3,7	7	3,6	9	4,3	6	3,0	6	2,7
Litoral Centro	11	4,0	16	5,9	14	7,3	18	8,6	19	9,6	24	10,8
Centro	42	15,3	40	14,7	46	24,0	35	16,7	35	17,8	44	19,8
Litoral Norte	20	7,3	17	6,2	17	8,9	18	8,6	15	7,6	19	8,6
Interior Norte	31	11,3	37	13,6	25	13,0	28	13,4	27	13,7	32	14,4
Interior Centro	22	8,0	22	8,1	18	9,4	20	9,6	24	12,2	28	12,6
Alentejo	27	9,9	20	7,3	24	12,5	29	13,9	19	9,6	18	8,1
Algarve	5	1,8	6	2,2	5	2,6	4	1,9	4	2,0	7	3,2
Madeira	4	1,5	3	1,1	5	2,6	3	1,4	2	1,0	2	0,9
Açores	3	1,1	1	0,4	1	0,5	1	0,5	2	1,0	1	0,5
Fora do Território	8	2,9	9	3,3	2	1,0	6	2,9	2	1,0	5	2,3
Total	274	95,1	273	94,8	192	66,7	209	72,6	197	68,4	222	77,1
S/ Informação	14	4,9	15	5,2	96	33,3	79	27,4	91	31,6	66	22,9

A origem dos ascendentes das crianças estudadas situa-se preferencialmente na cidade de Lisboa, no centro e na região interior Norte do País. As famílias com origem no Algarve, nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores ou ainda fora do território nacional são pouco frequente.

A tabela 5.15. apresenta os resultados de uma análise conjunta das seis respostas sobre o local de nascimento dos ascendentes, expressas numa variável, designada por origem da família. Só foram considerados os 205 casos em que existiam mais de três ascendentes da mesma região.

Tabela 5.15. *Frequências absolutas das regiões de origem das famílias das crianças, com 3 ou mais ascendentes da mesma zona geográfica.*

Ascendência de:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Total
1 Lisboa (cidade) ..	43	-	2	3	1	4	2	3	-	-	-	-	43+15
2 Lisboa (arredores) .....		4	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	4+1
3 Litoral Centro .....			11	1	-	1	-	-	1	-	-	-	11+5
4 Centro .....				30	1	3	2	1	-	-	-	-	30+11
5 Litoral Norte .....					15	2	2	1	-	-	-	-	15+7
6 Interior Norte .....						20	-	4	1	-	-	-	20+16
7 Interior Centro .....							16	1	1	1	-	-	16+9
8 Alentejo .....								17	-	1	-	-	17+2
9 Algarve .....									3	-	-	-	3+3
10 Madeira .....										2	-	-	2+2
11 Açores .....											2	-	2
12 Fora do Território .....												2	2

Verificaram-se 71 casos em que as famílias eram originárias de duas regiões.

### 5.3.7. Antropometria dos ascendentes.

A informação sobre os parâmetros antropométricos constante dos inquéritos deve ser encarada com cuidado porque frequentemente os valores reportados não correspondem exactamente às dimensões reais dos indivíduos.

Na tabela 5.16. apresenta-se as estatísticas dos valores transformados do peso. A transformação efectuada para normalizar a distribuição foi a seguinte: peso transformado =  $\ln(\text{Peso} + C)$  em que C foi determinado iterativamente tal como se descreve no capítulo 3.

Tabela 5.16. Estatística descritiva do Peso (kg) dos ascendentes.

Parente	N	Média (a)	D.P.	Achatamento	Assimetria	Teste K-S
<b>Pai</b>	246	70,8	(b)	-0,315	0,066	1,064
<b>Mãe</b>	255	57,2	(b)	0,227	0,328*	0,910
<b>Avô Paterno</b>	99	71,0	(b)	1,945**	-0,711*	0,694
<b>Avó Paterna</b>	103	61,7	(b)	-0,338	0,061	0,805
<b>Avô Materno</b>	109	72,3	(b)	0,432	-0,287	0,829
<b>Avó Materna</b>	137	62,6	(b)	0,605	-0,273	0,989

(a) Valores reconvertidos.

(b) Os valores do desvio padrão das transformadas não têm significado reconvertidos.

\* Valores significativos  $\alpha < 0.05$  e \*\* Valores significativos  $\alpha < 0.01$ .

As médias do peso dos ascendentes variam entre os 57,2 kg e os 62,6 kg no sexo feminino e os 70,8 kg e os 72,3 para o sexo masculino.

As diferenças de peso entre os elementos dos vários casais de ascendentes oscilam entre os -36 e os -46 relativamente ao elemento do sexo masculino. Na maioria dos pares de ascendentes os homens têm um peso maior ou muito maior que as mulheres e só em 17% dos casos as mulheres eram mais pesadas que os homens.

A figura 5.4. apresenta a distribuição dos casais por 5 grupos arbitrários de diferenças de peso.

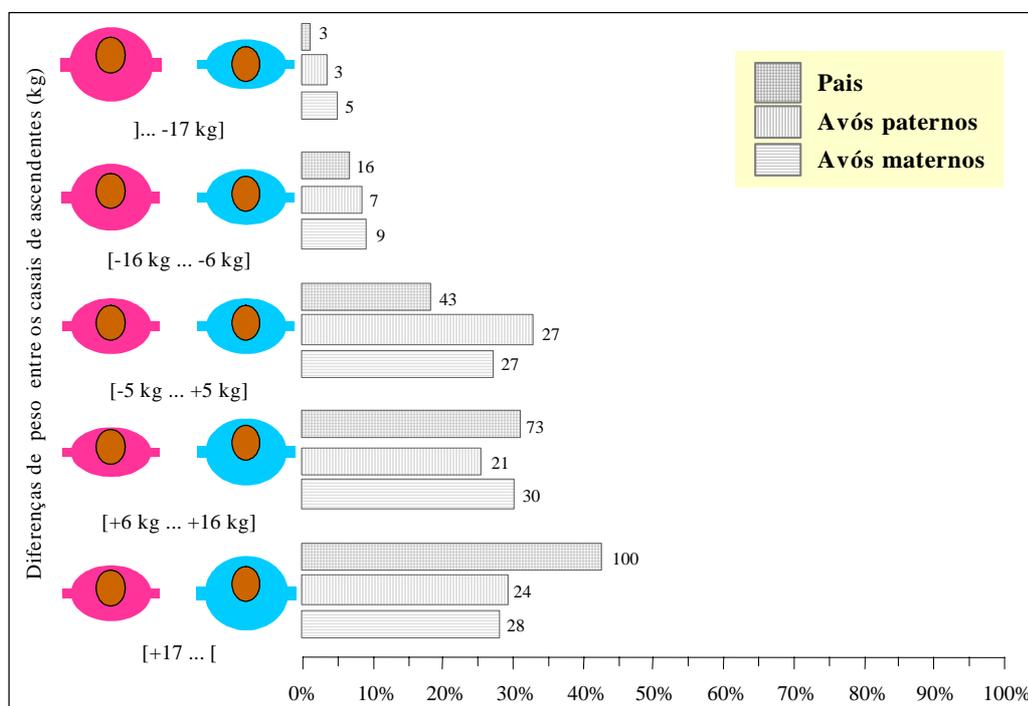


Figura 5. 4. Distribuição das diferenças de peso entre os casais de ascendentes por 5 grupos arbitrários de diferenças de peso. De cima para baixo assinalam-se as frequências de casais o elemento do sexo masculino é muito mais leve ( $\leq -17\text{kg}$ ), mais leve (entre  $-16\text{kg}$  e  $-6\text{ kg}$ ), com peso idêntico ( $-5\text{ kg}$  a  $+5\text{ kg}$ ), mais pesado (6 a a  $16\text{ kg}$ ) e muito mais pesado ( $\geq 17\text{kg}$ ). Os grupos dos casais em que os indivíduos do sexo masculino são mais pesados que os do sexo feminino estão assinalados na região inferior da escala.

Na tabela 5.17. apresenta-se os resultados da análise estatística dos valores da estatura dos ascendentes das crianças.

Tabela 5.17. Estatística descritiva da Estatura (cm) dos ascendentes

Parente	N	Média	D.P.	Achatamento	Assimetria	Teste K-S
<b>Pai</b>	242	169,2	6,19	0,060	-0,336	1,256
<b>Mãe</b>	251	157,8	6,11	0,252	-0,316	1,188
<b>Avô Paterno</b>	103	166,4	6,81	-0,144	0,009	1,032
<b>Avó Paterna</b>	102	157,9	7,00	0,214	0,066	1,004
<b>Avô Materno</b>	112	169,3	8,65	0,198	0,292	0,796
<b>Avó Materna</b>	134	156,8	6,89	-1,064**	5,048**	1,162

\*\* Valores significativos  $\alpha < 0.01$ .

A estatura média dos ascendentes varia entre 1,69 m e 1,66 m nos indivíduos do sexo masculino com uma amplitude 1,49 m a 1,95 m. Nos ascendentes do sexo feminino as médias dos valores da estatura estão

compreendidas em 1,56 m e 1,58 m com um intervalo de variação compreendido entre 1,20 e 1,75. A comparação entre a estatura dos dois progenitores de cada criança mostra que na maioria dos casos o Pai é mais alto ou muito mais alto que a Mãe. A figura 5.5. representa a distribuição dos casais por 5 grupos arbitrários de diferenças de estatura.

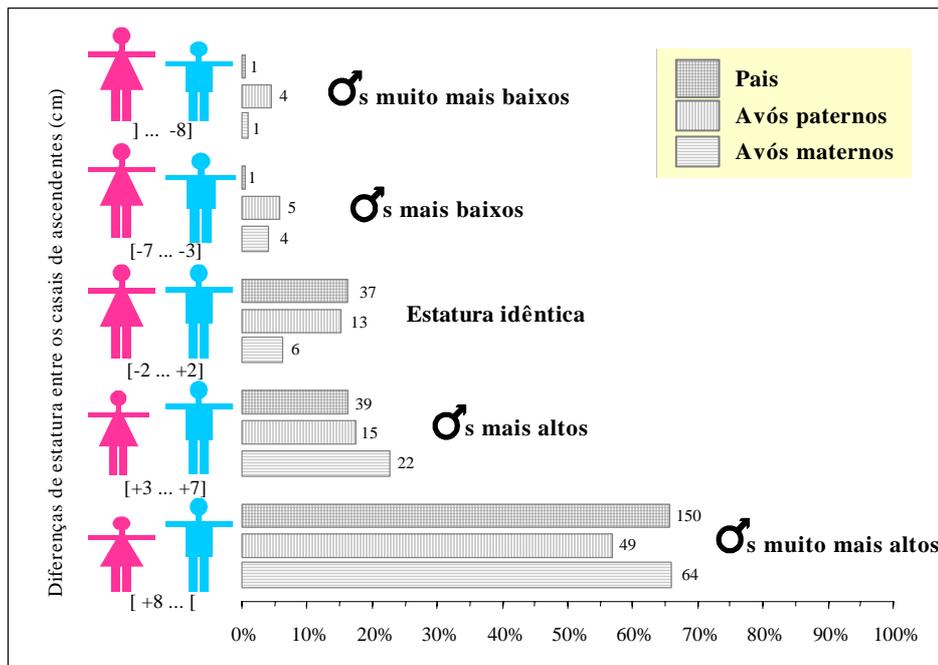


Figura 5. 5. Distribuição dos casais por 5 grupos arbitrários de diferenças de estatura. Os grupos dos casais em que os indivíduos do sexo masculino são mais altos que os do sexo feminino estão assinalados na região inferior da escala.

A tabela 5.18. mostra as estatísticas dos valores transformados do índice de massa corporal (BMI). Mais uma vez recorreu-se a um processo iterativo para determinar a constante da fórmula:  $BMI(\text{transformado}) = \ln(BMI + C)$ .

Tabela 5.18. Estatística descritiva do Índice de Massa Corporal (BMI) dos ascendentes.

Parente	N	Média (a)	D.P.	Achatamento	Assimetria	Teste K-S
<b>Pai</b>	239	24,6	(b)	0,290	0,042	0,704
<b>Mãe</b>	248	22,6	(b)	1,410*	-0,445*	0,719
<b>Avô Paterno</b>	98	25,7	(b)	0,528	-0,154	0,430
<b>Avó Paterna</b>	98	24,6	(b)	3,535**	-0,660**	0,843
<b>Avô Materno</b>	105	25,4	(b)	0,495	-0,129	0,821
<b>Avó Materna</b>	131	25,4	(b)	1,053*	0,035	0,732

(a) Valores reconvertidos.

(b) Os valores do desvio padrão das transformadas não têm significado reconvertidos.

O índice de massa corporal dos ascendentes apresenta valores médios entre 22,6 e 25,7 com uma amplitude de variação compreendida entre 14,2 e 43,0. Nos ascendentes do sexo feminino os valores do índice de massa corporal distribuem-se por um intervalo maior que nos ascendentes do sexo masculino.

A figura 5.6. mostra a distribuição dos valores do BMI pelos cinco grupos definidos pelos percentis dos padrões de referência, conforme o postulado por FRISANCHO (1990).

A comparação das distribuições dos valores de BMI dos ascendentes com os valores de referência foi efectuada pelo teste de  $\chi^2$  e revelou diferenças significativas devidamente assinaladas com asteriscos nos respectivos gráficos.

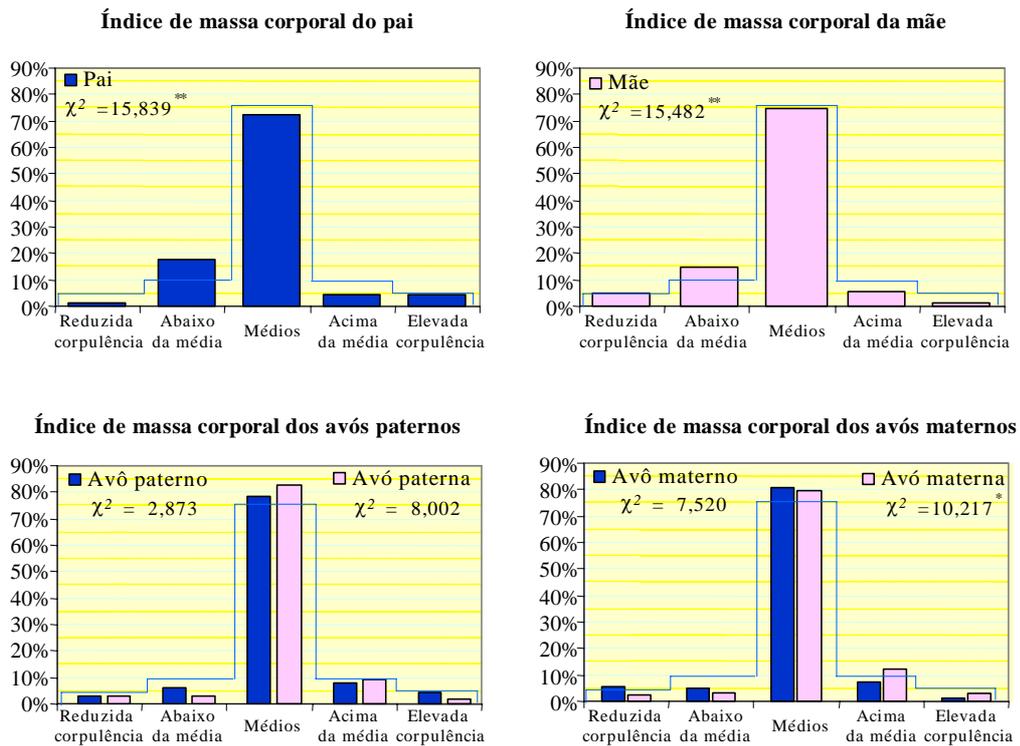


Figura 5. 6. Distribuição pelos percentis de referência dos valores do índice de massa corporal (BMI) dos ascendentes. (\* p< 5% \*\* p< 1%)

Observa-se um excesso de valores médios e abaixo da média nos BMI do pai e da mãe da criança.

Entre as avós maternas os valores do BMI concentram-se significativamente nos grupos médios e acima da média. Nos restantes ancestrais a distribuição dos valores do BMI não difere significativamente dos valores de referência.

### 5.3.8. Tabagismo, consumo de bebidas alcoólicas e saúde dos ascendentes.

Para cada ascendente da criança o questionário incluía perguntas sobre o número de cigarros fumados diariamente, sobre o consumo de bebidas alcoólicas fora das refeições e acerca da ocorrência de doenças crónicas.

As respostas sobre o tabagismo foram classificadas em 4 grupos: não fumadores, consumo reduzido entre 1 e 9 cigarros por dia, consumo médio entre 10 e 19 cigarros por dia e consumo elevado 20 ou mais cigarros por dia. As tabelas 5.19 a 5.21 apresentam as frequências das respostas às questões sobre a incidência de doença, o consumo de bebidas alcoólicas fora das refeições e o tabagismo respectivamente.

Tabela 5.19. Frequências da incidência de doença nos ascendentes da criança.

Ascendente	Sofre de doença		Não refere doença		S/ informação	
	N	%	N	%	N	%
Pai	45	17,4	214	82,6	29	10,1
Mãe	57	22,0	202	78,0	29	10,1
Avô Paterno	62	44,3	78	55,7	148	51,4
Avó Paterna	67	43,5	87	56,5	134	46,5
Avô Materno	75	50,0	75	50,0	138	47,9
Avó Materna	79	44,4	99	55,6	110	38,2

As doenças mais citadas nas respostas do questionário são o reumatismo, as doenças do coração e várias patologias do sistema digestivo. A *diabetes mellitus* é referida com frequências mais elevadas nos avós. Outras doenças indicadas com alguma frequência foram a bronquite, a asma, a epilepsia, a sinusite, a espondilose e o cancro. Entre os casais de progenitores

das crianças 31% não referem sofrer de qualquer doença. A falta de informação sobre as doenças dos avós é muito acentuado.

Tabela 5.20. *Frequências das respostas sobre o consumo de bebidas alcoólicas pelos ascendentes da criança fora das refeições.*

Álcool fora das refeições: Ascendentes	Frequente		Raro		Nunca		S/ informação	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Pai</b>	23	8,6%	158	59,0%	87	32,5%	20	6,9%
<b>Mãe</b>	4	1,5%	46	17,6%	212	80,9%	26	9,0%
<b>Avô paterno</b>	25	16,9%	77	52,0%	46	31,1%	140	48,6%
<b>Avó paterna</b>	3	1,9%	27	17,4%	125	80,6%	133	46,2%
<b>Avô materno</b>	37	23,7%	71	45,5%	48	30,8%	132	45,8%
<b>Avó materna</b>	4	2,2%	35	18,9%	146	78,9%	103	35,8%

Em todos os casais de ascendentes a percentagem de respostas negativas é mais elevada no que respeita ao elemento do sexo feminino. O consumo frequente de álcool fora das refeições é baixo, sobretudo nos elementos do sexo feminino. Os avós dizem consumir mais bebidas alcoólicas fora das refeições.

Tabela 5.21. *Frequências das respostas sobre o consumo de tabaco nos ascendentes da criança.*

Tabagismo: Ascendentes	Não fuma		Fuma pouco		Fuma 10-19		Fuma muito		S/ informação	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Pai</b>	111	43,4	20	7,8	79	30,9	46	18,0	32	11,1
<b>Mãe</b>	198	79,6	16	6,4	29	11,6	6	2,4	39	13,5
<b>Avô paterno</b>	93	67,9	7	5,1	20	14,6	17	12,4	151	52,4
<b>Avó paterna</b>	140	95,9	2	1,4	1	0,7	3	2,1	142	49,3
<b>Avô materno</b>	96	64,0	11	7,3	25	16,7	18	12,0	138	47,9
<b>Avó materna</b>	159	97,0	0	-	2	1,2	3	1,8	124	43,1

O consumo de tabaco situa-se entre os 67% nos pais e os 3% nas avós maternas. Os ascendentes directos das crianças dizem fumar mais frequentemente que os avós. Em todos os casais de ascendentes as mulheres dizem fumar significativamente menos que os homens.

### 5.3.9. Educação dos ascendentes.

A informação sobre a educação dos ascendentes foi obtida por meio de duas questões: uma sobre o nível máximo de escolaridade atingido e outra que servia para validar a primeira, sobre o número de anos de escolaridade. As respostas a estas perguntas foram classificadas em seis grupos: que incluíam os indivíduos que afirmaram não ter concluído a instrução primária, os que concluíram a instrução primária, os que terminaram o curso geral, os que finalizaram o curso complementar, os que obtiveram um curso médio e os que terminaram um curso superior.

Em geral os pais das crianças responderam ter um nível de escolaridade mais elevado que os avós. Nos três casais de ascendentes os elementos do sexo masculino indicam normalmente um nível de educação mais elevado que os elementos do sexo feminino.

O gráfico da figura 5.7 mostra os níveis de ensino atingidos pelos seis ascendentes.

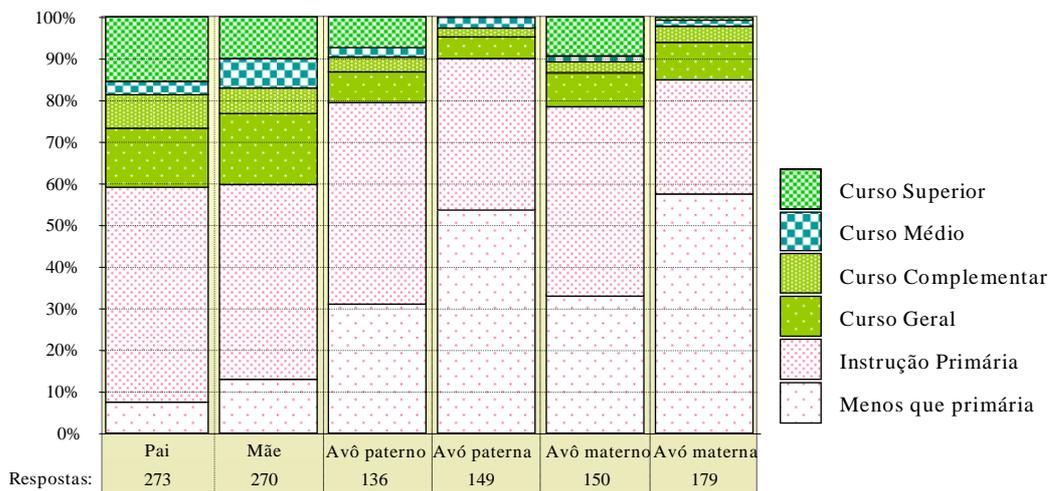


Figura 5. 7. Frequências dos níveis de escolaridade. Os valores sob a identificação da barra de cada ascendente indicam o número de respostas sobre os quais se calcularam as percentagens do nível de escolaridade do respectivo ascendente. Assim 10% na barra da mãe correspondem a 27 respostas mas na barra do avô materno correspondem a 15 respostas.

Em mais de metade dos ascendentes o nível de escolaridade não ultrapassa a instrução primária, só 40% dos pais e 20% dos avós estudaram 9 ou mais anos.

### **5.3.10. Actividade profissional dos ascendentes.**

Os valores das variáveis relativas à profissão dos ascendentes foram classificados em seis classes que a seguir se enumeram conjuntamente com a listagem das diversas designações usadas nas respostas:

- I. Trabalhadores manuais indiferenciados, desempregados e reformados na qual se incluíram: ajudantes de motorista, arrumadores de câmara frigorífica, auxiliares de cozinha, auxiliares de limpeza, cantoneiros, contínuos, domésticas, empregadas auxiliares, empregadas domésticas, empregados de balcão, estudantes, porteiras, serventes da construção civil, serventes de electricista, serventes de pedreiro, soldados, vendedores ambulantes e vigilantes.
- II. Trabalhadores manuais especializados em que foram agrupados numerosos ofícios: ajudantes de farmácia, apontadores, armadores de ferro, barbeiros, bate-chapas, cabeleireiras, canalizadores, caneleiras, carpinteiros, carteiros, cobradores, cortadoras de tecidos, costureiras, cozinheiras, electricistas, encadernadoras, estofadores, floristas, fundidores de gesso, guardas freio, litógrafos, lubrificadores, maçariqueiros, mecânico de electrodomésticos, mecânicos de automóveis, metideiras de fios, motoristas, operadores de empilhadora, operadores de rampa, ourives, padeiros, pedreiros, pintores de automóveis, pintores de construção civil, porteiros de hotel, recepcionistas, sapadores bombeiro, serralheiros mecânico, soldadores, tecedeiras, técnicos de telecomunicações, tipógrafos e torneiros mecânico.

- III. Trabalhadores de escritório indiferenciados e empregados do comércio incluindo: caixeiros viajantes, comerciantes, empregados bancários, empregados de escritório, escriturais, fiscais, operadores de computador, preparadores técnicos, profissionais de seguros, recepcionistas, secretárias, técnicas administrativas, técnicos de vendas e telefonistas.
- IV. Trabalhadores de escritório e trabalhadores manuais com cargos de responsabilidade, em que se agruparam: analistas, chefe de divisão, comerciantes proprietários, contabilistas, correspondentes, desenhadores de construção civil, gerentes bancários, gerentes comerciais, inspectores de vendas, preparadoras, professoras primárias, rádio técnicos, técnicos agrícolas, técnicos de documentação, técnicos de sistemas, técnicos de telecomunicações, tesoureiros e topógrafos.
- V. Trabalhadores liberais e dirigentes de nível intermédio em que se incluíram: analista de sistemas, chefes de serviço, chefes de vendas, comerciantes com empresas de média dimensão, construtores civis, economistas, engenheiros, gerentes agrícolas, gerentes comerciais, industriais com pequenas empresas, inspectores administrativos, jornalistas coordenadores, oficiais das forças armadas, professores do ensino secundário, psicólogas, químicos e técnicos superiores principais.
- VI. Trabalhadores intelectuais e dirigentes de nível superior reunindo: administradores de empresas, construtores civis, directores gerais da função pública, industriais e comerciantes de grandes empresas, médicos coordenadores e professores universitários.

No gráfico da figura 5.8. apresenta-se a distribuição percentual das profissões dos ascendentes nos seis grupos considerados.

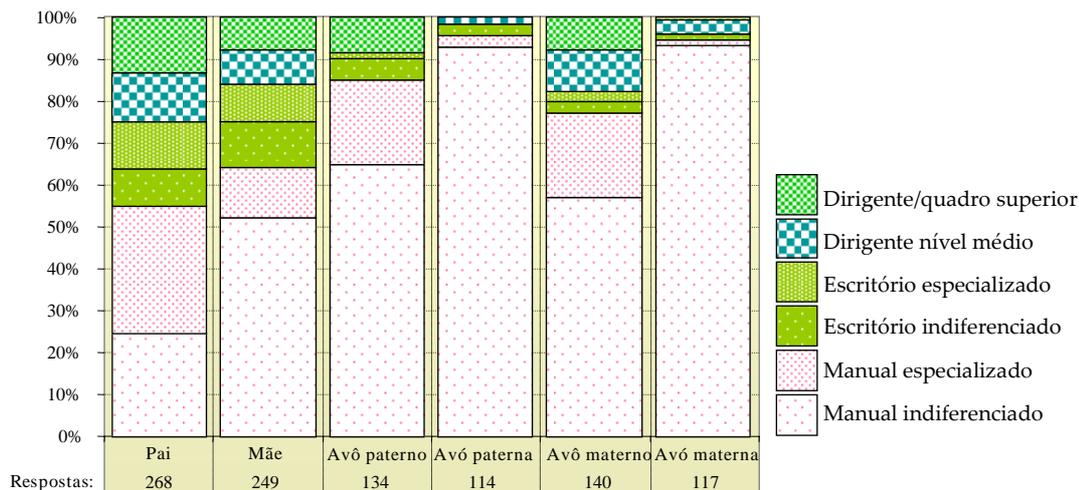


Figura 5. 8. Frequências dos tipos de profissões. Os valores sob a identificação da barra de cada ascendente indicam o número de respostas sobre os quais se calcularam as percentagens dos tipos de profissão do respectivo ascendente. Assim 10% na barra da mãe correspondem a 25 (24,9) respostas mas na barra do avô materno correspondem a 14 respostas.

Em geral os pais responderam ter actividades profissionais de nível mais elevado que os avós. Em todos os casais de ascendentes os elementos do sexo masculino enquadram-se em grupos profissionais mais qualificados que os ascendentes do sexo feminino, e esta tendência é mais acentuada nos avós. Provavelmente estes padrões de distribuição podem ser influenciados pelo menor número de inquéritos com resposta às questões sobre a profissão dos avós

### 5.3.11. Consanguinidade dos ascendentes.

Para cada casal de ascendentes o questionário incluía uma pergunta sobre a existência de algum parentesco entre os elementos do casal.

Na tabela 5.22. estão inscritos os valores de frequência e respectivas percentagens dos casos de ascendentes aparentados.

Tabela 5.22. Frequência das resposta às questões sobre o parentesco dos ascendentes.

Ascendentes:	Pais		Avós Paternos		Avós maternos	
	N	%	N	%	N	%
Não aparentados	226	97,0	131	96,3	155	98,1
Primos direitos	3	1,3	3	2,2	0	0,0
Tio(a)/sobrinha(o)	0	-	1	0,7	0	0,0
Primos em 2º Grau	2	0,9	1	0,7	1	0,6
Outro par. + afastado	2	0,9	0	-	2	1,3
Sem resposta	55	19,1	152	52,8	130	45,1

As respostas à pergunta sobre o parentesco dos progenitores e dos avós das crianças sugerem uma consanguinidade dos ascendentes muito reduzida, sem diferenças significativas entre os diversos tipos de casais considerados e sempre inferior a 5%.

### **5.3.12. Grupos sócio-económicos.**

Associar um agregado familiar a um grupo sócio-económico é um procedimento mais ou menos arbitrário. Por vezes usa-se o rendimento familiar, outras a profissão do pai outras ainda o nível de estudos do pai, ou ainda uma combinação destes parâmetros.

As condições sócioeconómicas foram quantificadas por um coeficiente ponderando cada um dos valores das respostas sobre o número de irmãos da criança (NI), o gasto relativo com a alimentação (GA), o gasto relativo com a casa (GC), os estudos (EP), a profissão (PP) e a remuneração (RP) do pai, os estudos (EM), a profissão (PM) e a remuneração (RM) da mãe e ainda os valores obtidos para a variável condições de habitação (CH).

As respostas sobre número de irmãos da criança foram codificadas de 1 a 6 em que 1 corresponde a 5 ou mais irmãos e 6 corresponde a filho único sem irmãos. Os valores relativos a gastos com a alimentação foram codificados de 1 a 3: 1 - mais de 69% dos rendimentos gastos com alimentação, 2 entre 30 e 69% e 3 menos de 29%. As percentagens dos gastos com a casa foram transformadas em 1, 2 e 3; sendo 1 atribuído a mais de 24% dos rendimentos gastos com a renda ou encargo com a casa, 2 para percentagens entre 10% e 24% e 3 para gastos inferiores a 10%.

Manteve-se a codificação inicial para os valores das variáveis estudos do pai e estudos da mãe (1 – menos que primária, 2 - primária, 3 – curso geral, 4 – curso secundário, 5 – curso médio e 6 – curso superior), profissão do pai e profissão da mãe (1 – manual indiferenciado, 2 – manual especializado, 3 – empregado de escritório indiferenciado, 4 – empregado

escritório especializado, 5 – dirigente de nível médio, 6 – dirigente ou quadro superior), remuneração do pai e remuneração da mãe (1 - menos de 20 contos, 2 - Entre 20 e 30 contos, 3 - entre 30 e 40 contos, 4 - entre 40 e 50 contos, 5 - entre 50 e 60 contos e 6 - mais de 60 contos) e condições de habitação (1 - abaixo da média, 2 - médias e 3 – acima da média).

A nova variável grupo sócio-económico (GSE) baseada no método de classificação social de Graffar (1956) foi calculada pela seguinte expressão:

$$GSE = \frac{(NI + Casa + GA + GC + EP + PP + RP + EM + PM + RM)}{((7 - NC6) * 6 + (3 - NC3) * 3)}$$

Em que NC6 é o número de variáveis com 6 alternativas sem resposta e NC3 é o número de variáveis com 3 alternativas sem resposta em cada caso. A variável GSE apresenta valores entre 1 e 100%. Depois de uma análise das descontinuidades na distribuição dos valores da variável GSE ela foi classificada em 3 grupos: condições sócioeconómicas abaixo da média ( $GSE < 34\%$ ), condições sócioeconómicas médias ( $34\% < GSE < 67\%$ ) e condições sócioeconómicas acima da média ( $GSE \geq 67\%$ ).

Na figura 5.9. apresentam-se as distribuições dos valores das respostas originais às questões em que se baseou o coeficiente das condições sócioeconómicas pelos três grupos considerados.

A distribuição das respostas às questões em que se baseou a determinação do grupo sócio-económico revela uma elevada correlação com a nova variável. O número de questões respondidas difere significativamente nos 3 grupo sócio-económicos verificando-se um número maior de questões não respondidas nos inquéritos das famílias agrupadas nos grupos sócio-económicos abaixo da média e médio.

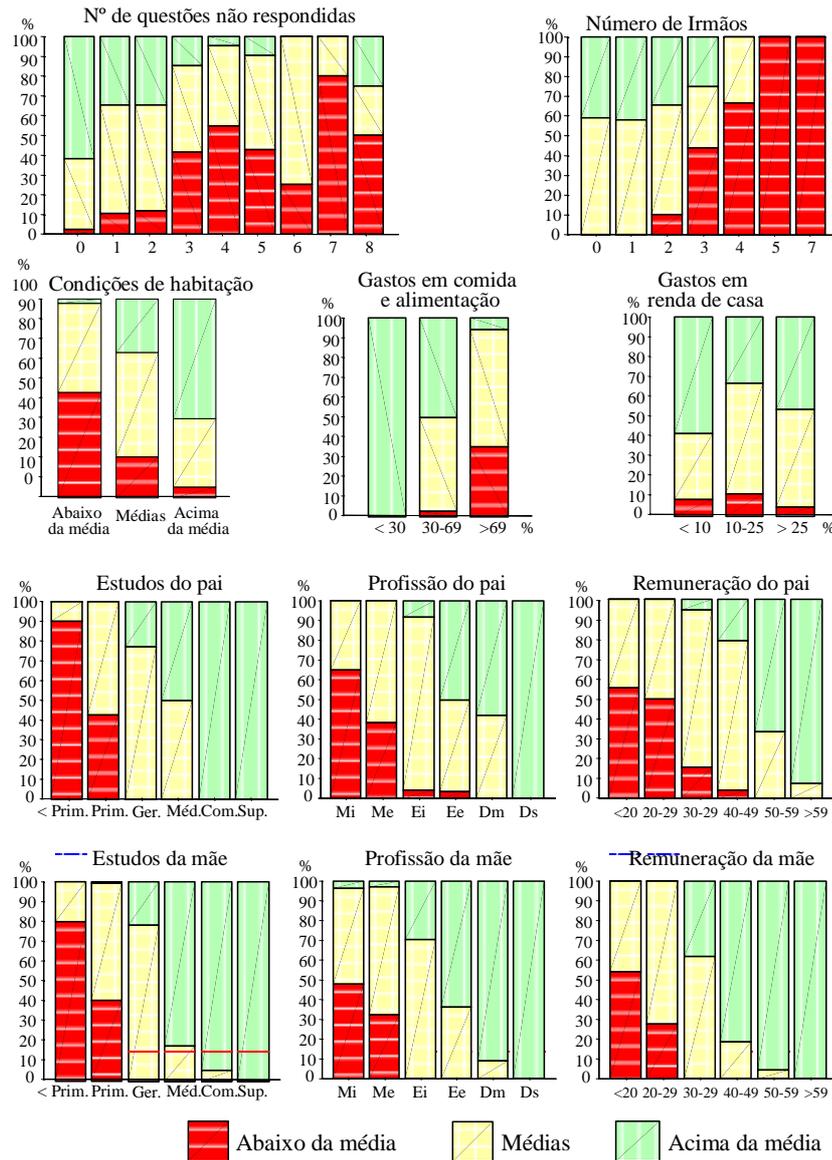


Figura 5. 9. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas originais às questões utilizadas para determinar os 3 grupos sócio-económicos.

Para identificar em que medida os hábitos dos progenitores, as condições de vida e os hábitos das crianças diferem entre os elementos dos três grupos sócio-económicos, compararam-se os padrões de resposta a várias questões do inquérito. Construíram-se gráficos de barras para representar as frequências relativas de cada resposta em cada grupo sócio-económico e compararam-se as distribuições das frequências por meio de um teste LRT (*likelihood ratio test*) de  $\chi^2$ .

A figura 5.10. apresenta a distribuição dos valores das respostas às questões sobre o consumo de álcool fora das refeições, o tabagismo e a morbilidade dos progenitores.

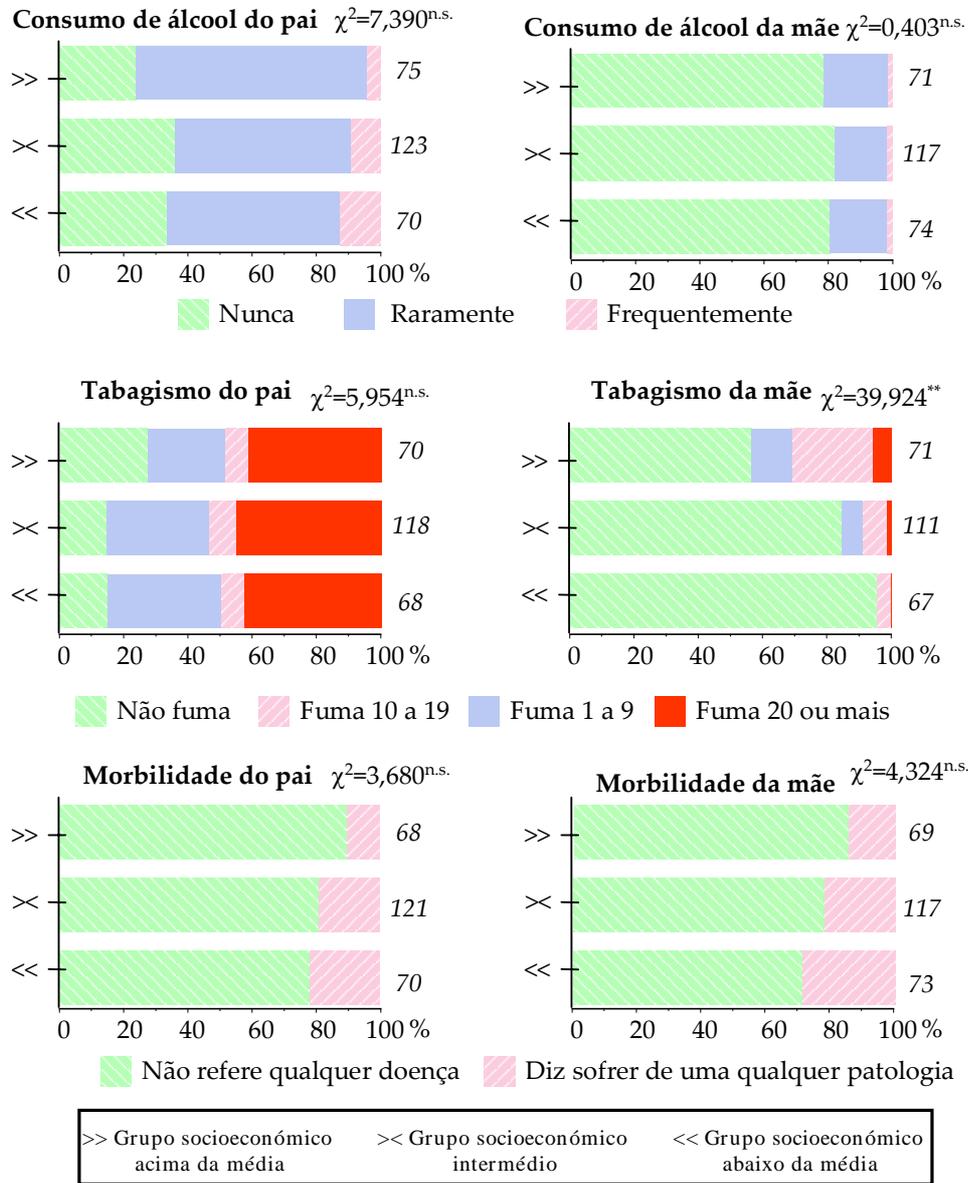


Figura 5. 10. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o consumo de álcool fora das refeições, o tabagismo e a morbilidade dos progenitores, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de n.s. (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ ).

Os resultados sugerem um consumo de bebidas alcoólicas fora das refeições mais frequente dos pais das famílias do grupo socioeconómico

abaixo da média e um consumo de tabaco mais elevado das mães do grupo sócio-económico acima da média.

### **5.3.13. Condições de vida pré-natal e peri-natal.**

Durante os nove meses de gestação o desenvolvimento embrionário e fetal de um indivíduo saudável é relativamente controlado e eventuais factores adversos influenciam sobretudo a saúde da mãe. Nalguns casos as condicionantes ambientais podem influenciar negativamente o crescimento intra-uterino e reflectir-se no peso da criança ao nascer e mesmo no tamanho e composição corporal da criança em idade escolar (Schell *et.al.* 2002).

Para avaliar as condições de vida pré-natal consideraram-se as respostas às perguntas sobre o tabagismo e o alcoolismo dos progenitores, o acompanhamento médico, a administração de suplementos alimentares, a variação do peso da mãe, o peso do recém-nascido e a ocorrência de alguma doença durante a gravidez.

O tabagismo da Mãe durante a gravidez é pouco frequente, só se observa em 27 casos (11%) e destes só 14 fumaram mais de 10 cigarros por dia. Nos Pais o tabagismo é mais frequentemente, em 52% dos casos fumam mais de 10 cigarros por dia. Com excepção de um caso, em todas as situações em que a Mãe responde ter fumado durante a gravidez o Pai responde igualmente que fumou e frequentemente mais que a mãe. O tabagismo dos pais é menor nas famílias dos grupos sócio-económico abaixo da média.

Durante a gravidez, o consumo de bebidas alcoólicas pela Mãe fora das refeições é pouco frequente em todos os grupos sócio-económicos. O consumo de bebidas alcoólicas fora das refeições parece ocorrer com frequências maiores nos Pais das famílias do grupo sócio-económico acima da média (ver figura 5.10.).

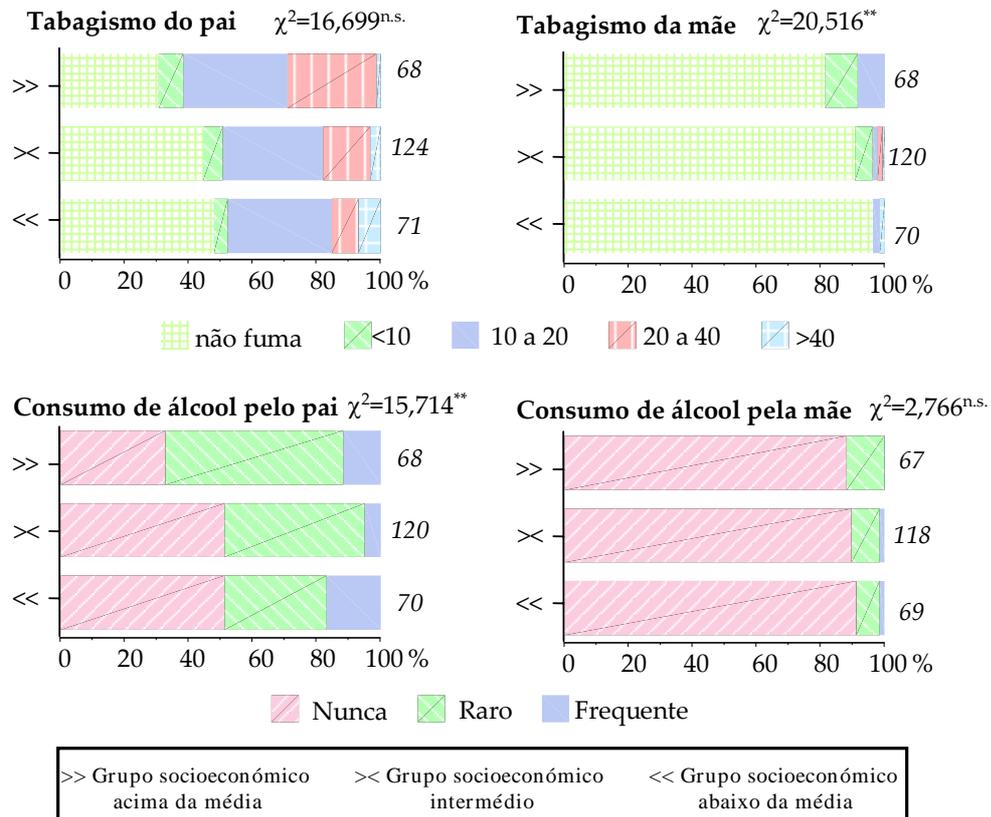


Figura 5.11. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o tabagismo e o consumo de álcool fora das refeições do Pai e da Mãe nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

Em geral verificou-se que 97% das mães tiveram acompanhamento médico durante a gravidez. As percentagens relativas nos 3 grupos sócio-económicos não revelam diferenças significativas no acompanhamento médico da gravidez.

Só 10% das Mães referem ter sofrido alguma doença durante a gravidez. As doenças indicadas foram: diabetes (5 casos), varizes (3), anemia (3), epilepsia (3), excesso de albumina (2), hipertensão (2) e ainda casos isolados de amigdalite, asma, enjoo, nefrite, nervos, papeira, pleura, pré-eclâmpsia e reumático. As Mães do grupo sócio-económico abaixo da média referem mais frequentemente ter sofrido alguma doença durante a gravidez (ver figura 5.11.).

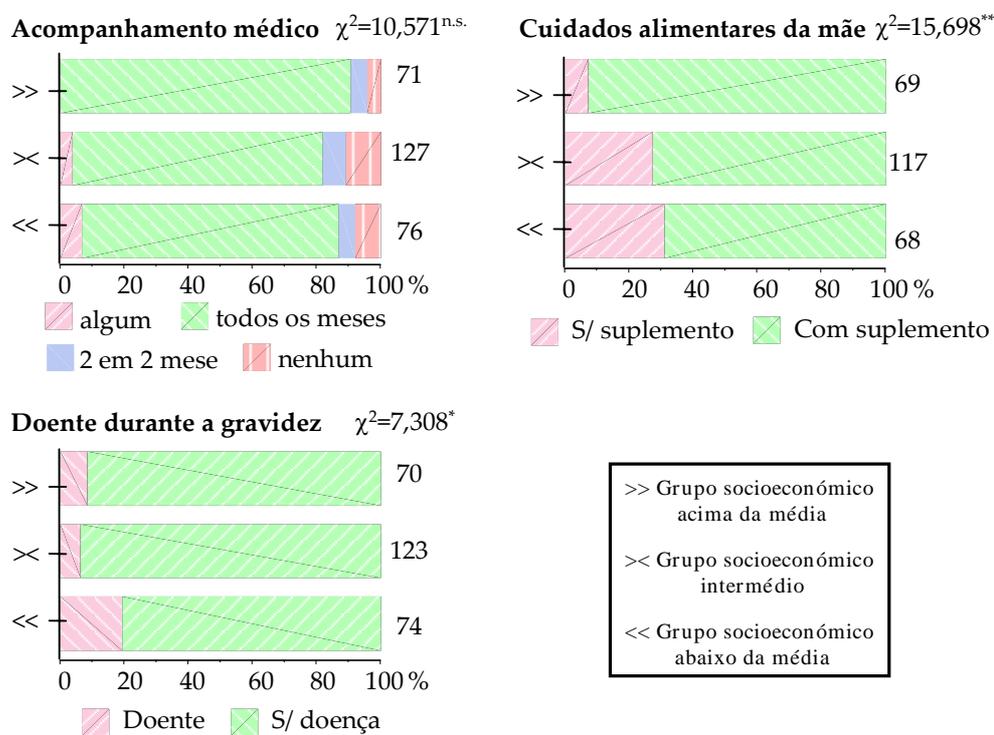


Figura 5.12. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a saúde da Mãe durante a gravidez nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

O ganho de peso durante a gravidez está significativamente associado com o grupo sócio-económico. Na maioria dos casos o aumento de

peso situou-se entre os 7 e os 12 kg mas a frequência de aumentos de peso acima dos 12 kg é mais elevada nos grupos médios e acima da média enquanto a frequência de aumentos de peso abaixo dos 7 kg é mais elevada nos grupos médios e abaixo da média, (ver figura 5.12.).

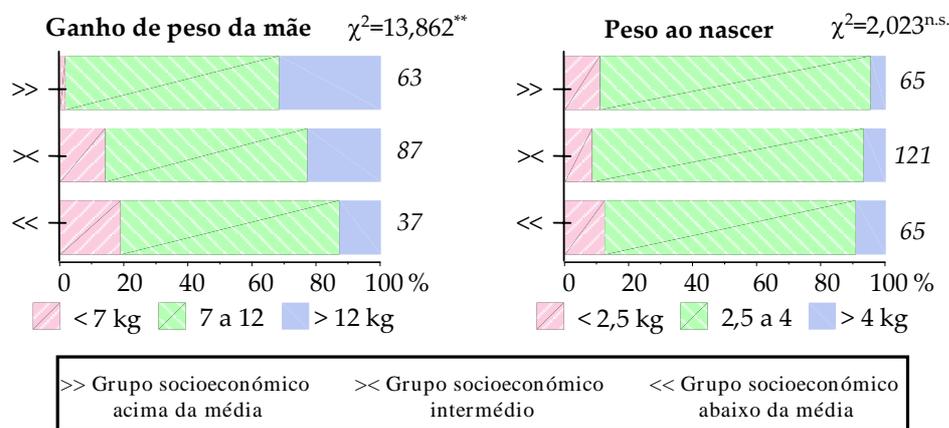


Figura 5. 13. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o ganho de peso da Mãe durante a gravidez e o peso do recém-nascido nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha < 0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha < 0,01$ )

A tabela 5.23 apresenta a estatística descritiva dos valores das variáveis quantitativas resultantes das respostas às questões sobre as condições de vida pré-natal e peri-natal das crianças.

Tabela 5.23. Estatística descritiva das respostas sobre a variação do peso da mãe durante a gravidez, o peso, o comprimento total e o perímetro cefálico da criança ao nascer e do número de dias que a criança levou a recuperar o peso com que nasceu.

	N	Média	D.P.	Achat.	Assimetria	Teste K-S
<b>Sexo Masculino</b>						
Varição do peso da mãe durante a gravidez (kg)	104	11,53	4,70	2,487**	4,699**	2,338 **
Peso ao nascer (kg)	134	3,35	0,58	0,356	0,548	0,973
Comprimento ao nascer (cm)	81	50,1	3,4	10,886**	3,426**	1,815**
Perímetro cefálico ao nascer (cm)	18	35,2	1,9	-0,252	1,855	0,623
Número de dias para recuperar o peso ao nascer	61	9,4	9,3	14,733**	9,265**	1,945 **
<b>Sexo Feminino</b>						
Varição do peso da mãe durante a gravidez (kg)	85	10,91	4,65	1,017**	1,434**	1,474**
Peso ao nascer (kg)	120	3,21	0,56	-0,023	0,115	0,666
Comprimento ao nascer (cm)	61	49,1	4,0	-0,932**	3,687**	1,280**
Perímetro cefálico ao nascer (cm)	6	35,2	2,0	-0,333	0,516	0,428
Número de dias para recuperar o peso ao nascer	46	8,48	6,71	2,147**	5,177**	1,962**

\*\*Valores significativos  $\alpha < 0.01$ .

A análise conjunta dos parâmetros antropométricos dos recém-nascidos revelou algumas correlações significativas. O peso e o comprimento total do recém-nascido estão estatisticamente associados e os valores do coeficiente de Spearman  $r_s$  é igual a 55% no sexo feminino e 38% no sexo masculino.

A correlação entre o peso e o perímetro cefálico do recém-nascido parece mais elevada com valores de  $r_s$  iguais a 79% e 68% respectivamente no sexo feminino e no sexo masculino.

A relação entre o comprimento total e o perímetro cefálico do recém-nascido revela-se nos valores intermédios do coeficiente de Spearman: 55% no sexo feminino e 56% no sexo masculino. Estes valores de correlação são significativos nas sub amostras do sexo masculino enquanto na sub amostra do sexo feminino, com um número de respostas reduzido, só tem significado estatístico o coeficiente de relação entre o peso e o comprimento total do recém-nascido.

As condições de vida peri-natal são descritas pelas respostas às perguntas sobre o local de parto, a assistência ao parto, o tipo de parto, o tempo de gravidez, o processo de parto, a ocorrência de choro espontâneo, a necessidade de assistência médica urgente ou de utilização de incubadora, o número de dias até recuperar o peso ao nascer e o tipo de alimentação do bebé. Ver figuras 13 e 14.

Em geral as crianças nasceram de parto espontâneo (71%), choraram espontaneamente (85%) e não necessitaram de assistência médica urgente (90%).

A maioria das crianças (80%) nasceu ao fim de 9 meses de gestação, mas a percentagem de prematuros parece aumentar no grupo com condições sócio-económicas acima da média.

A frequência de nascimentos pós termo é maior no grupo sócio-económico abaixo da média. A necessidade de incubadora só é referida em 13% das respostas. A recuperação do peso ao nascer é um acontecimento que nem sempre é registado e o número de respostas é bastante menor o que permite apenas dizer que a maioria dos recém-nascidos recupera o peso com que nasceu depois da primeira semana de vida.

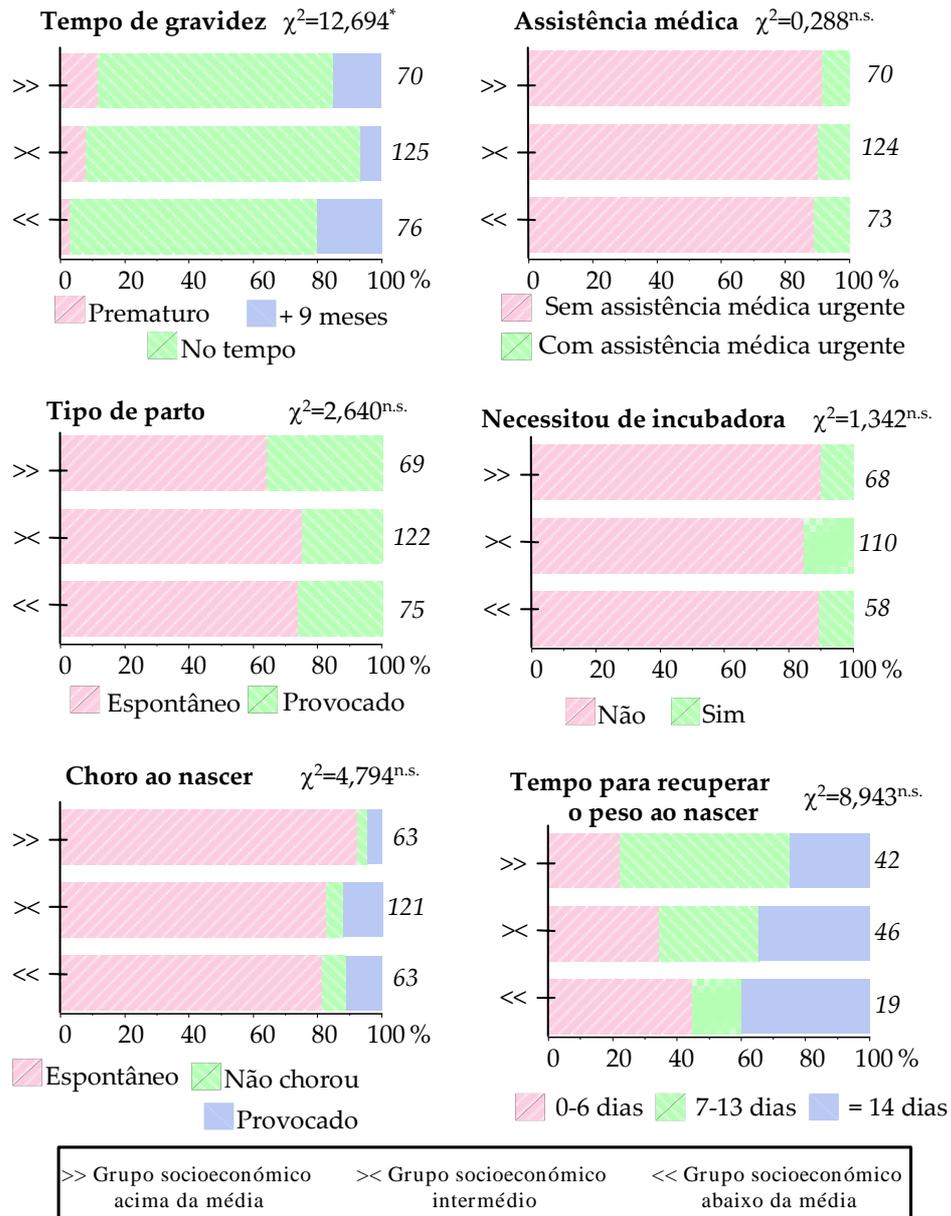


Figura 5. 14. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a duração da gravidez, o tipo de parto, a necessidade de assistência médica urgente para a criança, necessidade de incubadora, o tipo de choro ao nascer e o tempo necessário para recuperar o peso ao nascer, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ ).

As crianças do grupo sócio-económico acima da média nascem preferencialmente em estabelecimentos de saúde ou maternidades privadas, o parto é frequentemente assistido por um médico e o processo de parto tem maior probabilidade de ser uma cesariana. As respostas sobre a primeira alimentação do bebé revelam que na maioria dos casos (53%) foi usado um leite industrial e só em 44% o leite materno. Estas frequências são idênticas nos três grupos sócio-económicos.

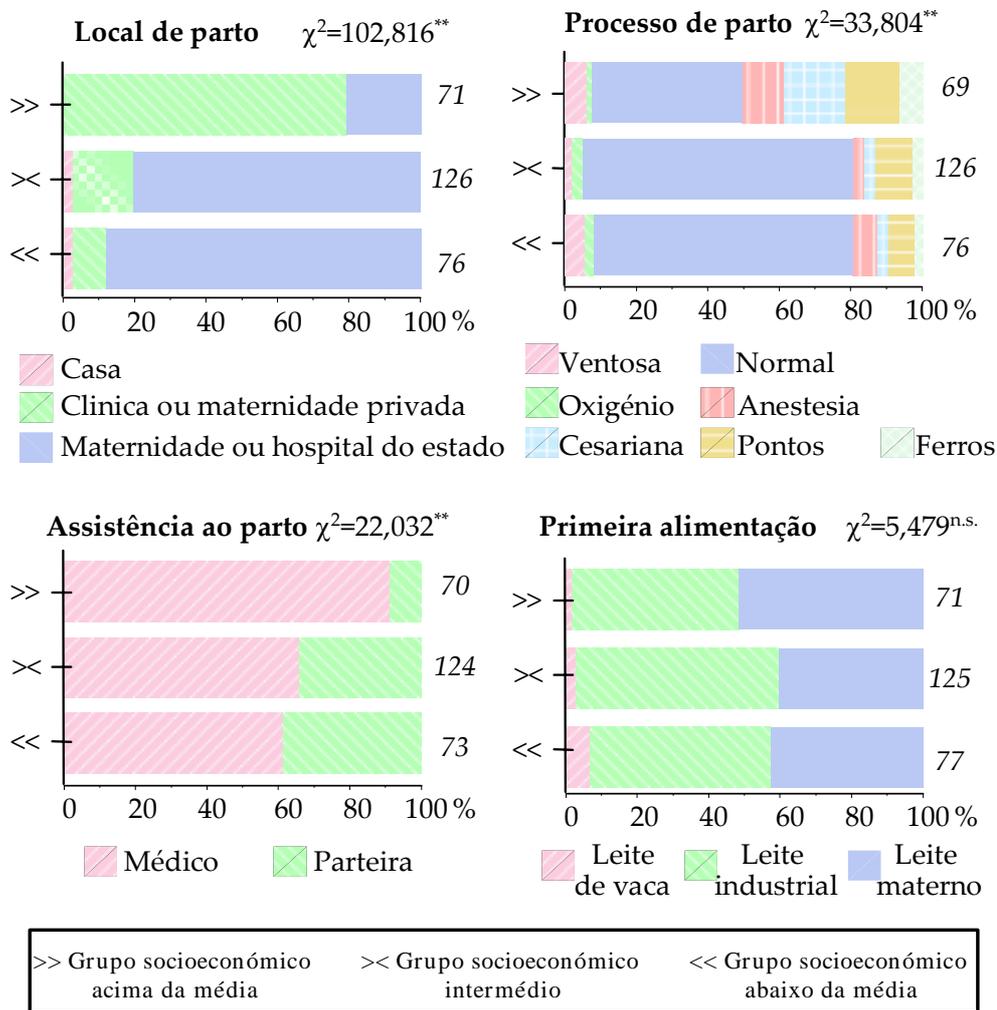


Figura 5. 15. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o local e processo de parto e a qualificação da assistência ao parto, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

### 5.3.14. Condições de vida na primeira infância.

A vida das crianças antes de entrarem para a escola é marcada por várias modificações psico-motoras e sociais. Durante esses 5 ou 6 anos a morbidade é muito variável e mais de 25% das crianças sofrem acidentes que podem obrigar a cuidados médicos e ou provocar o acamamento da criança.

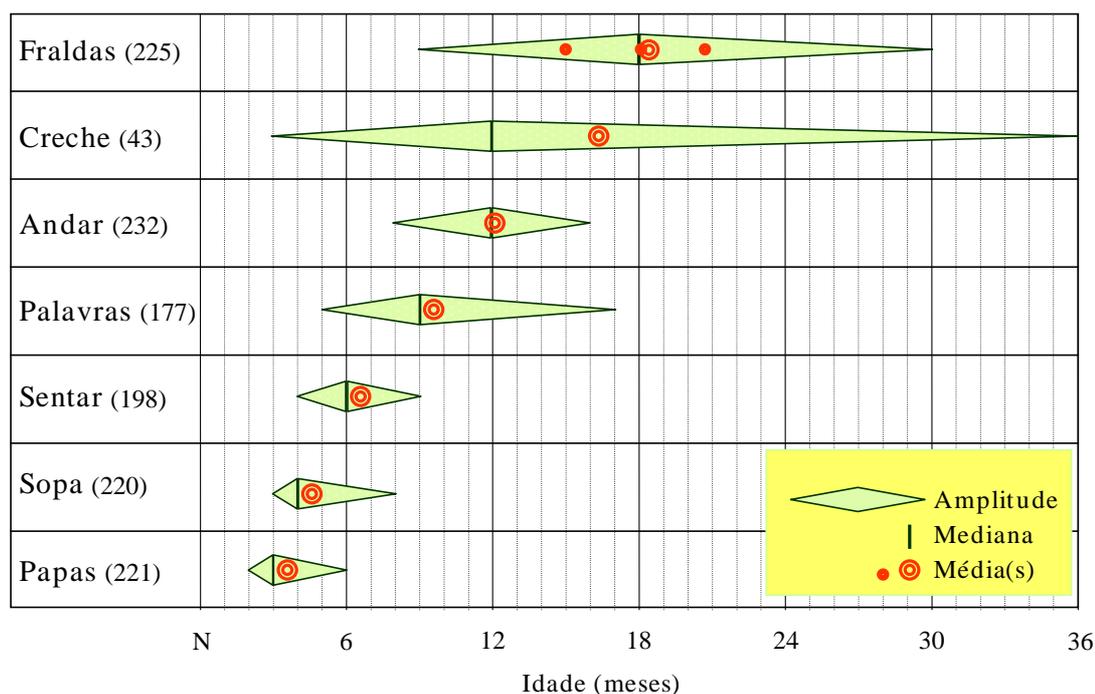


Figura 5. 16. Recordações de alguns acontecimentos marcantes da vida da criança. Idades médias, amplitude de ocorrência e mediana das idades em que começam a comer papas, comem a primeira sopa, se sentam pela primeira vez, pronunciam as primeiras palavras, começam a andar, entram para a creche e deixam de usar fraldas,

No gráfico da figura 5.13 representam-se as idades de ocorrência de diversas alterações das condições de vida e comportamento das crianças entre o nascimento e a idade de entrarem para a escola.

As idades médias das crianças comerem a primeira papa (3,4 meses), comerem a primeira sopa (4,4 meses), de se sentarem (6,3 meses), de pronunciarem as primeiras palavras (9,7 meses), de começarem a andar (12,0 meses), de entrarem para a creche (16,3 meses) e de entrarem para o infantário (4,3 anos) não diferem significativamente nos 3 grupos sócio-económicos considerados. A idade média de deixar de usar fraldas é

diferente nas crianças de cada grupo sócio-económico: 15,0 meses nas crianças do grupo sócio-económico abaixo da média, 18,1 meses nas crianças do grupo intermédio e 20,8 meses nas crianças do grupo sócio-económico acima da média.

A distribuição das respostas às questões sobre o período de vida infantil e a sua relação com as condições sócioeconómicas é apresentada nos gráficos da figura 5.14.

Verificou-se uma associação positiva entre os grupos sócio-económicos e o número de recordações assinaladas. Nos grupos de condições médias ou abaixo da média a maioria dos inquiridos tem registado 6 ou menos recordações enquanto os inquiridos relativos às crianças do grupo sócio-económico acima da média 86% recordam até 7 dos acontecimentos. As respostas às questões sobre o número de anos passados na creche e no infantário são em número significativamente menor que as obtidas nas outras questões o que retira algum significado às percentagens indicadas a seguir. Em geral  $\pm 66\%$  das crianças passaram entre 1 e 3 anos na creche e  $\pm 70\%$  andaram 2 ou 3 anos no infantário; não frequentaram a creche  $\pm 28\%$  das crianças, não passaram pelo infantário  $\pm 8\%$  das crianças e  $\pm 9\%$  não estiveram em qualquer estabelecimento de ensino pré-escolar. Nos grupos sócio-económicos médios e acima da média a percentagem de crianças que não frequentaram a creche é significativamente maior (35% e 26% vs. 17%) e no grupo sócio-económico acima da média a percentagem de crianças que não frequentaram o infantário é significativamente menor (2% vs. 12% e 18%).

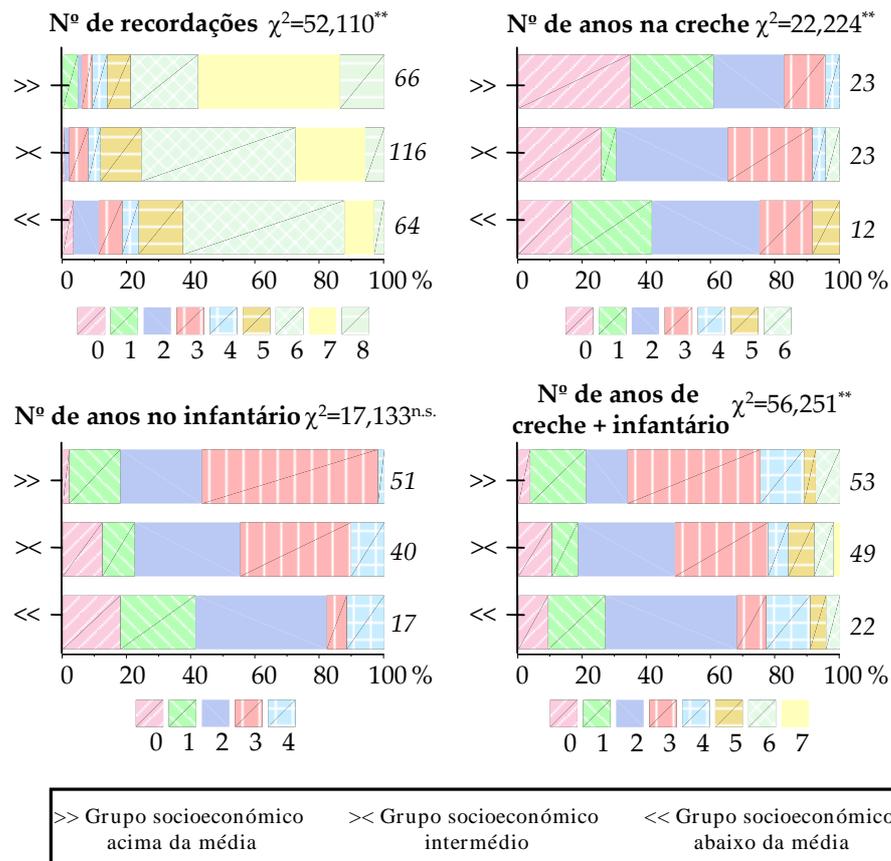


Figura 5. 17. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o número de recordações assinalado e o tempo de ensino pré-ecolar, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ ).

A morbilidade das crianças durante a infância foi avaliada pelas respostas à questão sobre as doenças que a criança teve. O número de doenças assinaladas é significativamente diferente nos três grupos sócio-económicos, os inquéritos das crianças das famílias com condições abaixo da média registam um menor número médio de doenças que os inquéritos das crianças das famílias dos outros grupos sócio-económicos. Estes resultados podem reflectir menor morbilidade das crianças das famílias com condições de vida abaixo da média ou um preenchimento menos efectivo dos inquéritos por parte desses grupos sócio-económicos (ver figura 5.17).

Algumas das situações de morbilidade são referidas com maior frequência nas crianças das famílias dos grupos sócio-económicos acima da média e médios: são os casos da papeira (40% vs. 24% e 22%), da rubéola (34% vs. 26% vs. 12%) e da varicela (51% e 47% vs. 21%).

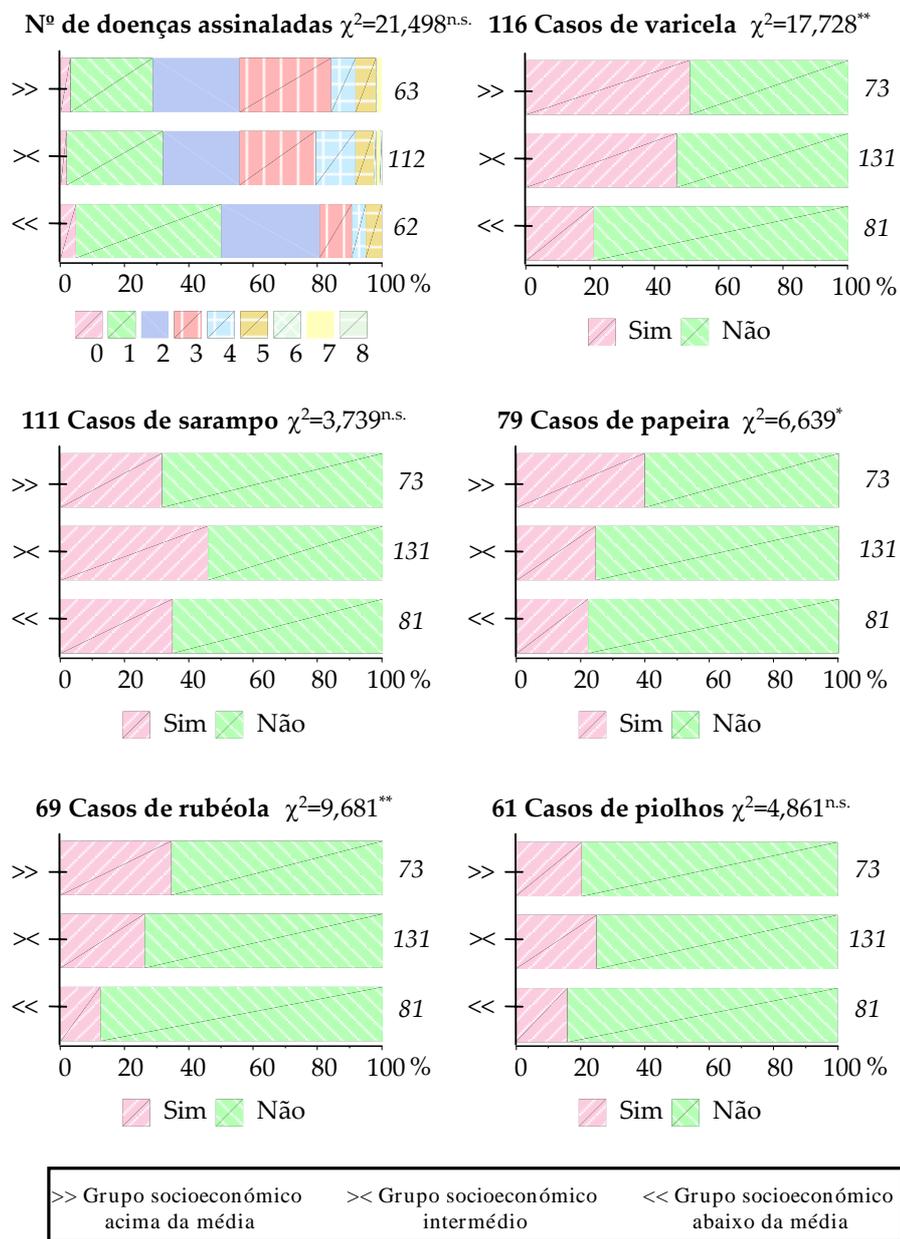


Figura 5. 18. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre as situações de morbilidade mais frequentes e o número total de situações assinaladas, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

As idades médias de ocorrência das situações de morbidade mais comuns são idênticas nos dois sexos e estão representadas no gráfico da figura 5.18.

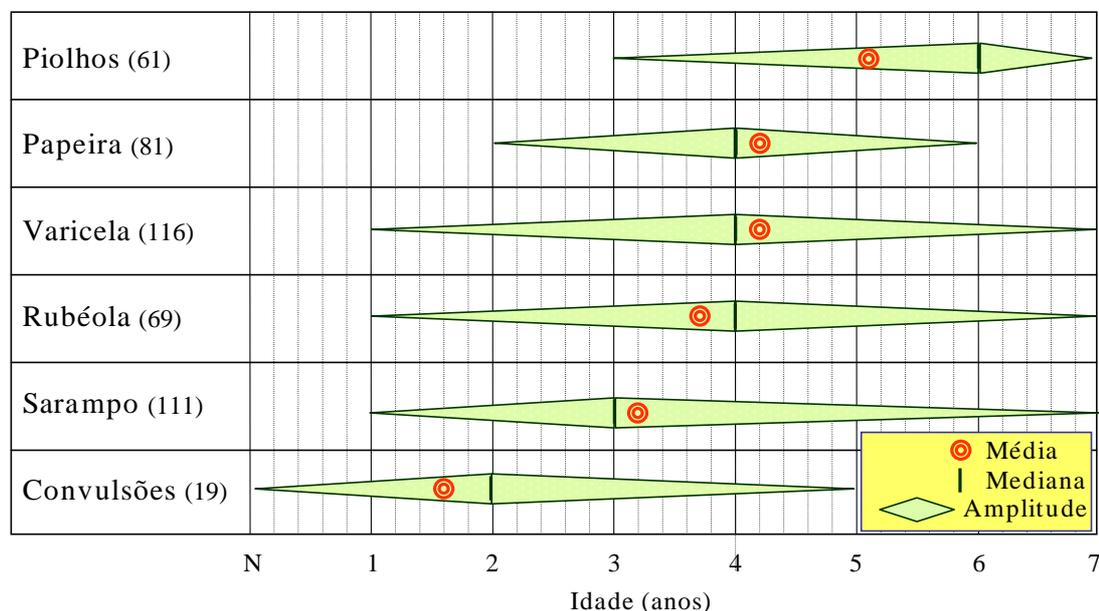


Figura 5. 19. Idades médias, amplitude e mediana das idades em que as crianças tiveram convulsões, sarampo, rubéola, varicela, papeira e piolhos.

As restantes situações referidas no questionário ocorrerem com frequências menores: asma (14), escarlatina (13), tosse convulsa (13), raquitismo (9), hepatite (7), sarna (3), e tuberculose (3). Ninguém assinalou difteria ou febre reumática. Entre as 18 respostas diferentes das alternativas propostas (outra) incluem-se os problemas respiratórios (4), nomeadamente bronquites, broncopneumonia, rinite e sinusite, otites (4), amigdalites (2), púrpura (2), meningite (2) e ainda febre aftosa, febre intestinal, epilepsia e herpes.

Para além das situações patológicas e infecciosas, os acidentes constituem uma das principais causas de distúrbio da vida das crianças até à idade escolar. Fracturas da cabeça, da clavícula ou dos membros, queimaduras mais ou menos graves, problemas do sistema digestivo incluindo gastrites, gastroenterites e diarreias, operações à garganta, operações a hérnias ou aos ouvidos, meningites ou síndromas

meningocócicos, complicações respiratórias como asma, bronquites ou bronquiolite são as causas mais frequentes de internamento das crianças. Em 27% dos inquiridos ocorreram situações acidentais ou problemas de saúde que provocaram o acamamento por períodos variáveis entre poucos dias e 2 ou 3 semanas. Não se verificaram diferenças significativas nas frequências nem na duração do acamamento das crianças dos diferentes grupos sócio-económicos considerados (ver figura 5.19).

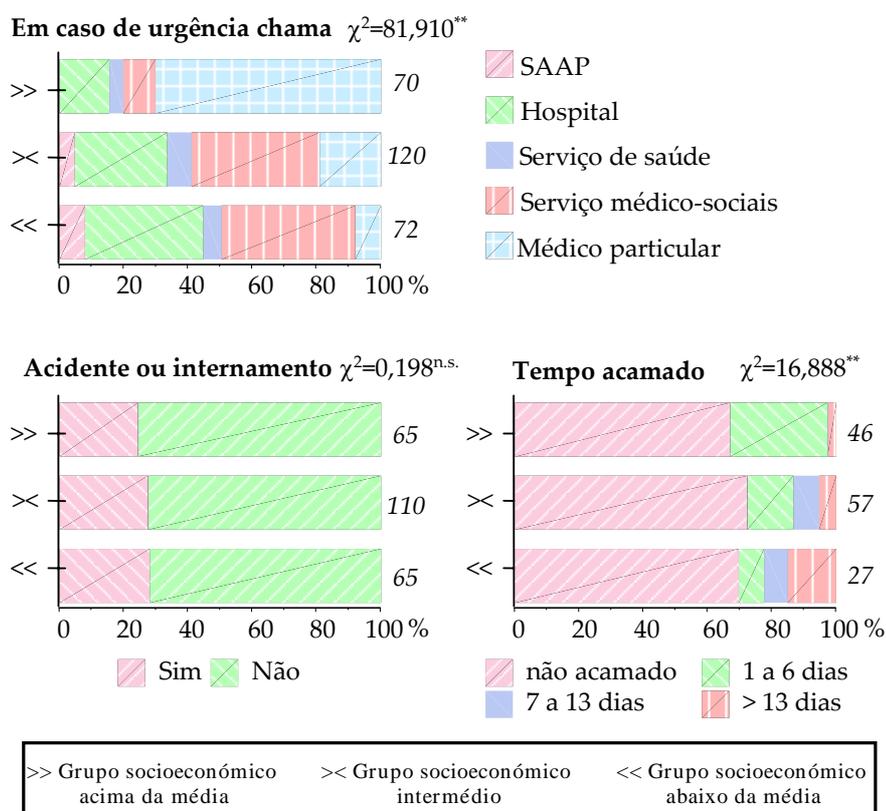


Figura 5. 20. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a quem recorrem em caso de urgência, a incidência de acidentes e o tempo que a criança ficou acamada, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

Os serviços de saúde usados em caso de urgência pelas famílias do grupo sócio-económico acima da média são em 70% dos casos médicos particulares enquanto nas famílias dos grupos sócio-económicos abaixo da média e médios só dizem chamar um médico particular em 8% e 19% respectivamente.

### 5.3.15. Hábitos das crianças.

Os hábitos das crianças foram inquiridos por três conjuntos de perguntas relativas aos dias de escola, aos fins de semana e às férias .

Nos dias de escola o descanso das crianças, reflectido pelo ritmo de deitar e de levantar, número de horas a dormir, agitação dos sonos e sesta, apresenta algumas diferenças nos grupos sócio-económicos considerados (ver figura 5.20).

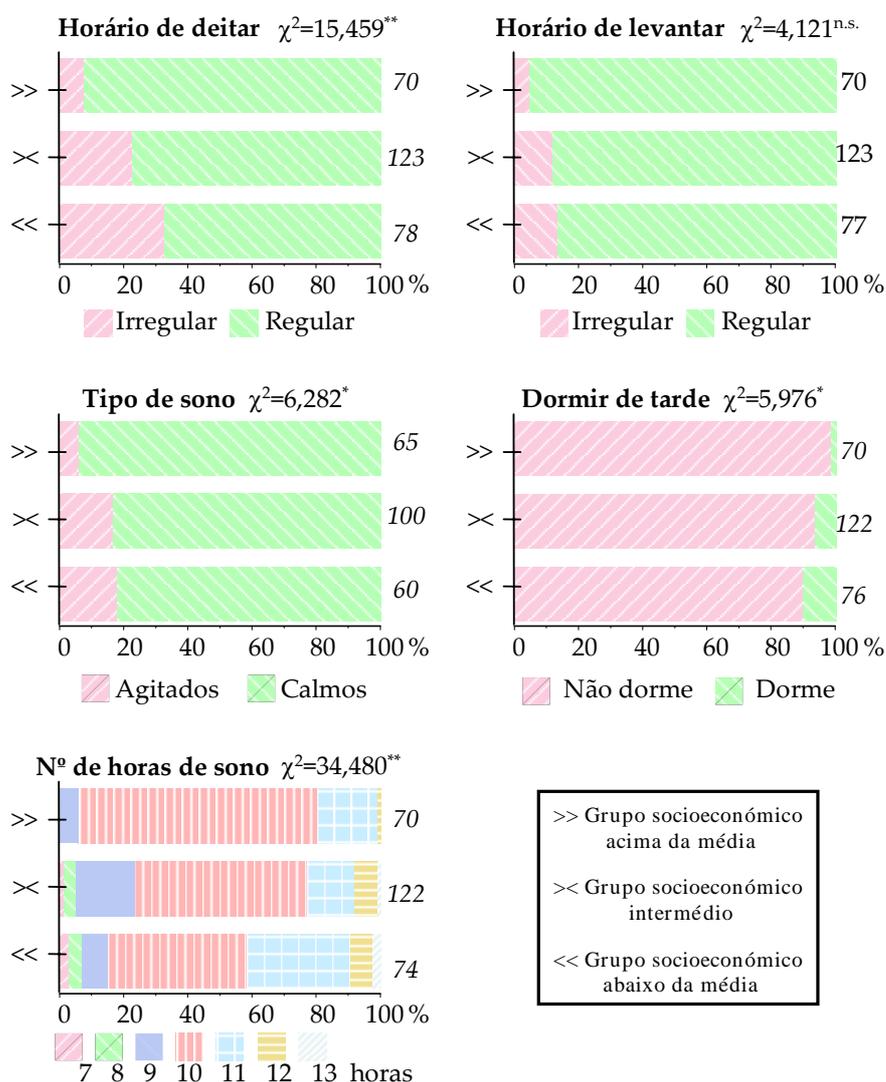


Figura 5. 21. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre os hábitos de descanso nos dias de escola, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

O sono tende a ser mais agitado nas famílias com condições sócioeconómicas médias e abaixo da média. As crianças das famílias com condições sócioeconómicas acima da média tendem a seguir um ritmo de deitar mais regular e a dormir um pouco mais durante a noite, mas raramente fazem sesta.

As crianças das famílias com condições sócioeconómicas acima da média têm em geral 4 ou 5 refeições diárias mas só 2 ou 3 servidas em casa, enquanto as crianças dos outros grupos têm ao todo 3 ou 4 refeições quase sempre tomadas em casa. A grande maioria (91%) diz que as refeições são sempre à mesma hora e só algumas crianças das famílias dos grupos sócio-económicos médio e abaixo da média parece terem um ritmo de refeições irregular (ver figura 5.21).

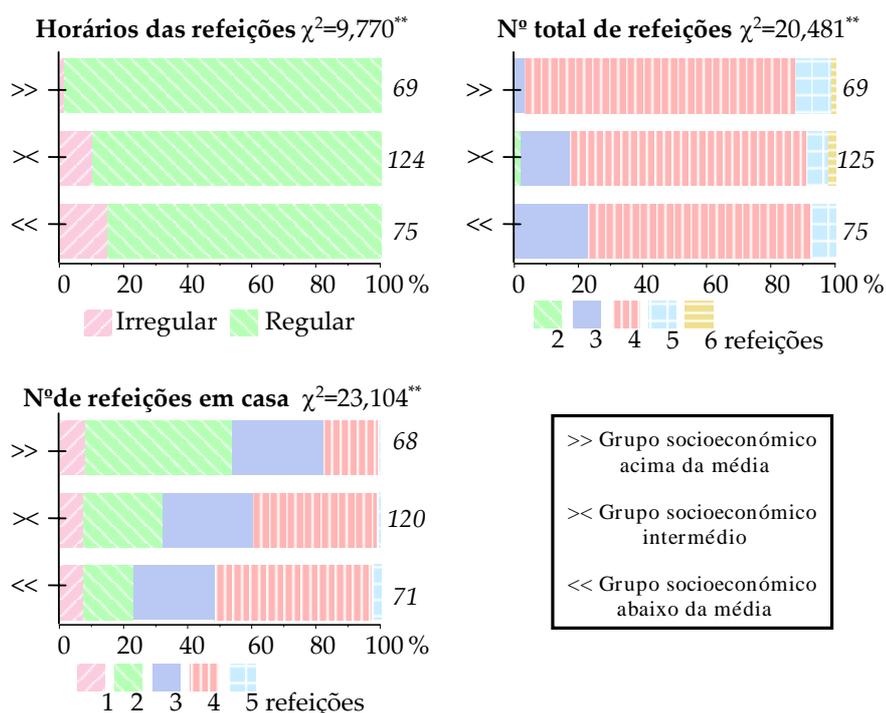


Figura 5. 22. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o número, horário e local das refeições, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

A forma como se deslocam para a escola, a duração do trajecto casa escola e o tempo que ficam fora de casa nos dias de escola parecem significativamente diferentes nas crianças das famílias com condições sócioeconómicas acima da média. Enquanto a maioria das crianças se desloca a pé para a escola, demora menos de 15 minutos no caminho e fica em geral 5 a 6 horas fora de casa, os filhos dos mais favorecidos vai de transporte particular, demora mais de um quarto de hora no trajecto e fica até 10 horas fora de casa, o que só raramente acontece com os filhos dos outros dois grupos sócio-económicos considerados (ver figura 5.22).

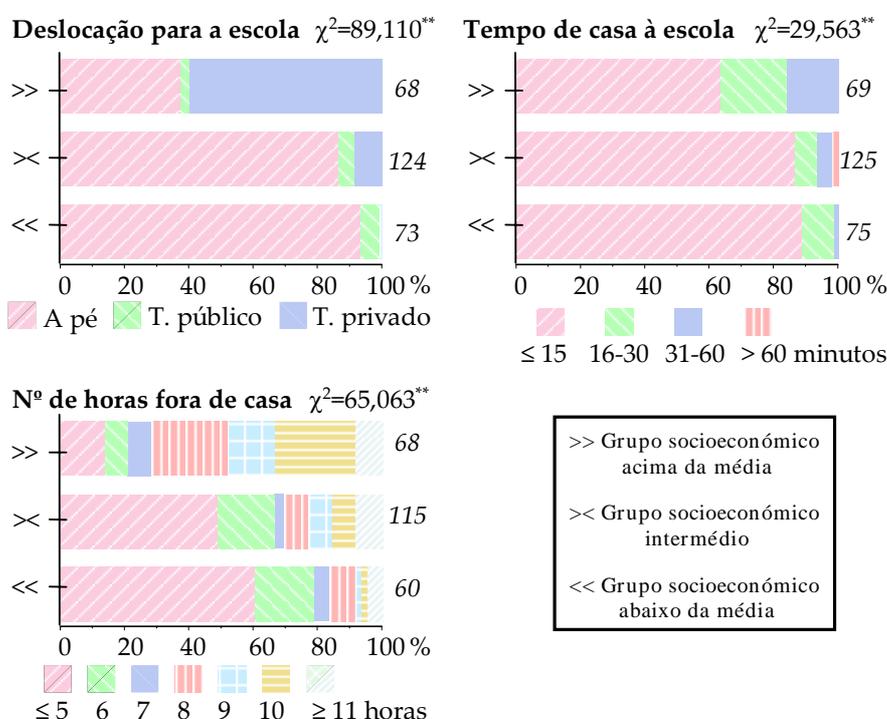


Figura 5. 23. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre como se deslocam para a escola e quanto tempo ficam fora de casa nos dias de escola, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

O gosto das crianças por correr é geral e a distribuição das frequências relativas das respostas à pergunta sobre este aspecto do comportamento das crianças não difere significativamente entre os grupos sócio-económicos. O tempo gasto a ver televisão raramente ultrapassa as 4 horas diárias. As crianças das famílias com menor condição tendem a ver

mais televisão. As medianas do tempo gasto a ver televisão são 3, 2 e 1 hora respectivamente nos grupos sócio-económicos abaixo da média, médio e acima da média. Este comportamento está também associado com o tempo passado fora de casa (ver figura 5.23).

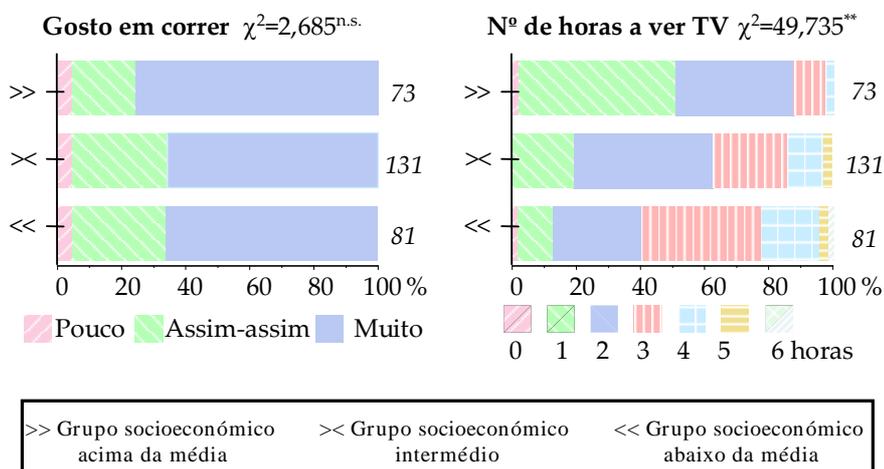


Figura 5. 24. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre o gosto de correr e o tempo gasto a ver televisão, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico.

Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

Durante o fim de semana 90% dorme entre 9 e 12 horas por dia, 99% toma 3 a 5 refeições diárias, 80% segue um horário fixo para comer e 90% vai brincar fora de casa. Todos estes aspectos não diferem significativamente entre os grupos sócio-económicos considerados. Mais de 90% das crianças não dorme de tarde mas o hábito de fazer a sesta atinge uma frequência significativa entre as famílias de menores recursos (3% e 4% vs. 14%). Cerca de 86% diz passear nos fins de semana mas esta frequência não é equivalente nos 3 grupos sócio-económicos considerados. Entre as crianças das famílias com condições de vida abaixo da média só 72% diz passear no fim de semana e a maioria delas passeia a pé. As crianças das famílias mais favorecidas sai a passear em 97% dos casos e fá-lo preferencialmente de carro. Nas famílias da

classe média o passeio de fim-de-semana acontece em 86% dos casos tanto de carro (44%) como a pé (31%) (ver figura 5.24).

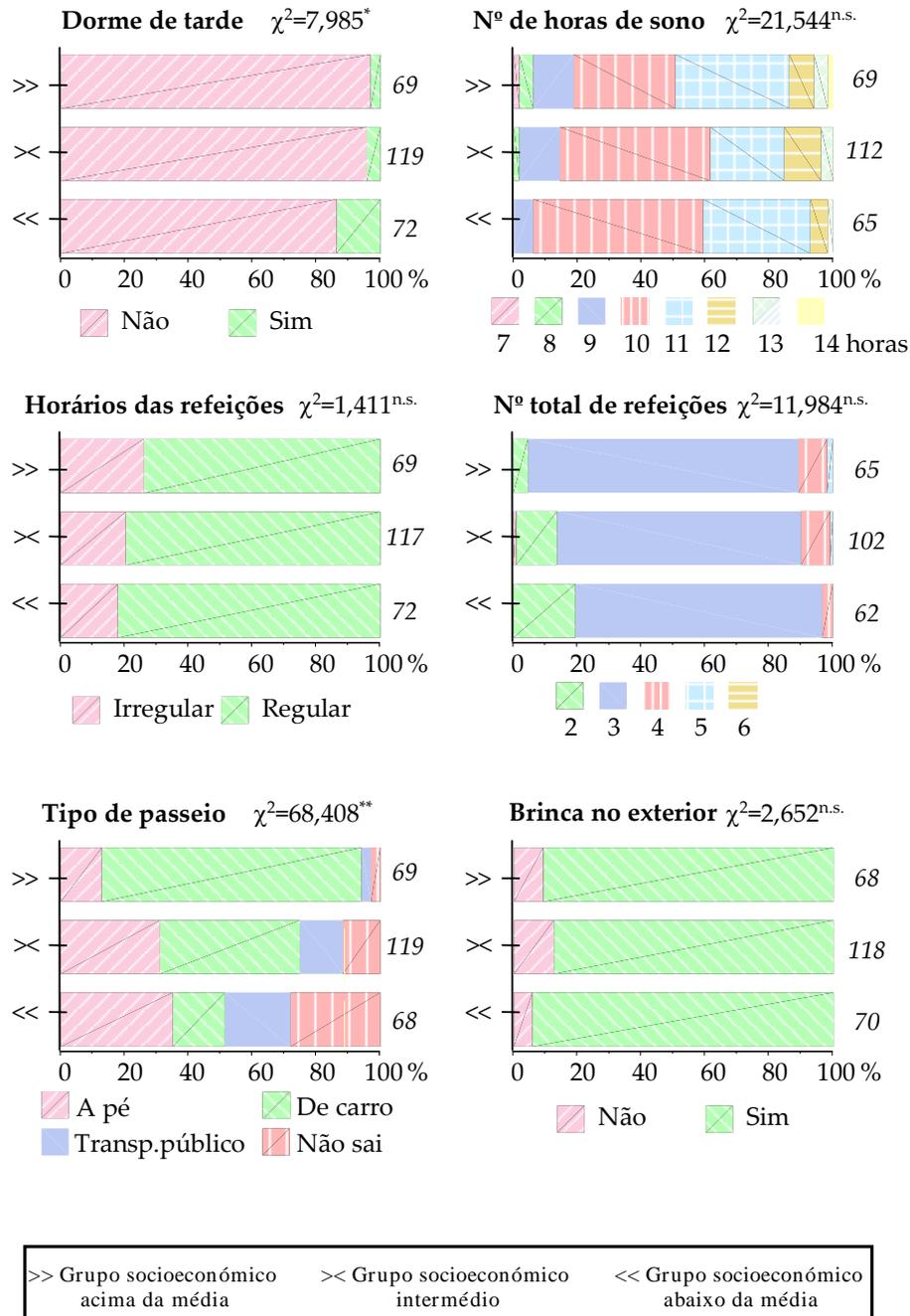


Figura 5. 25. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a quem recorrem em caso de urgência, a incidência de acidentes e o tempo que a criança ficou acamada, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

A prática desportiva não é muito frequente (31%) e ocorre sobretudo nos grupos com condições sócioeconómicas acima da média (68%) e médias (22%) enquanto só uma pequena percentagem (10%) das crianças do grupo sócio-económico abaixo da média dizem praticar desporto de forma organizada. O tempo ocupado com a actividade desportiva varia entre 1 e 10 horas semanais dividido por 1 a 5 vezes por semana. Entre os que tem acesso ao desporto 89% pratica-o 2 a 4 vezes por semana durante 2 a 5 horas no total, independentemente das condições de vida das famílias (ver figura 5.25.).

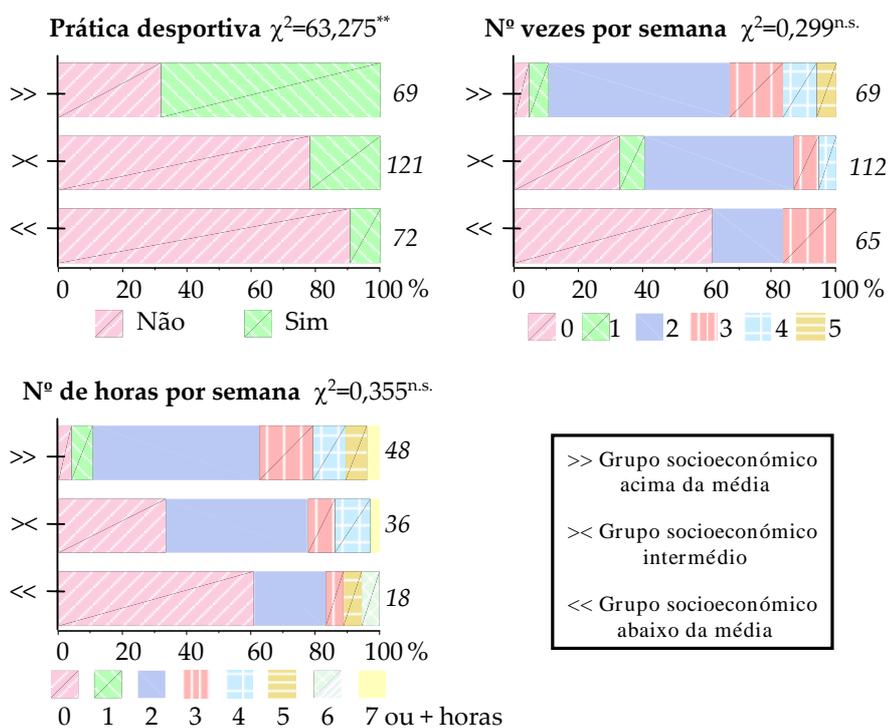


Figura 5. 26. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a frequência e intensidade da prática desportiva, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico.

Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha<0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha<0,01$ )

O local onde as crianças passam as férias difere significativamente nos 3 grupos sócio-económicos considerados (ver figura 5.26.). As famílias mais favorecidas passam as férias fora da residência habitual, mais de um

terço das famílias da classe intermédia permanece na mesma casa durante as férias e nas famílias menos favorecidas mais de metade não vai para outro local durante as férias (97 vs. 64 vs. 47%).

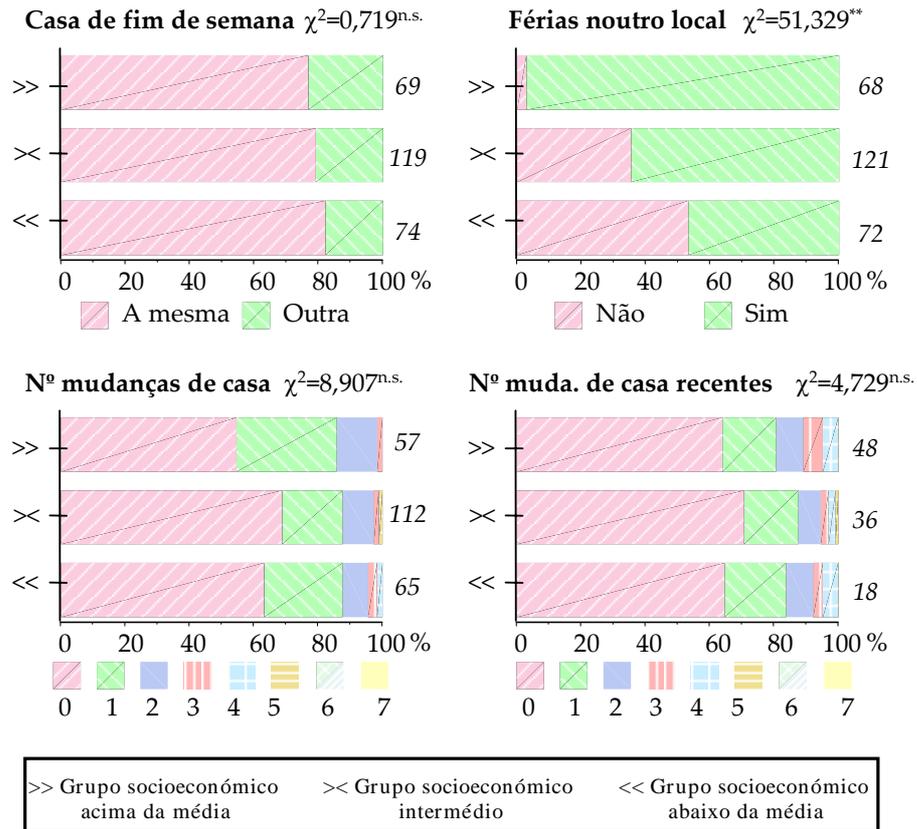


Figura 5. 27. Distribuições em percentagens relativas dos valores das respostas às questões sobre a mobilidade nos fim-de-semana, nas férias e desde que nasceu, nos três grupos sócio-económicos considerados. Os valores à direita de cada barra indicam o número total de respostas em cada grupo sócio-económico. Junto ao título de cada gráfico indicam-se os valores de chi-quadrado (*likelihood ratio*) seguidos de <sup>n.s.</sup> (não significativo) \* ( $\alpha < 0,05$ ) ou \*\* ( $\alpha < 0,01$ )

A mobilidade das famílias avaliada pelo número total de mudanças de residência e pelo número de mudanças de residência recente é muito pequena e idêntica nos 3 grupos sócio-económicos considerados (ver figura 5.26.). Em geral  $\pm 65\%$  das famílias permaneceu na mesma residência desde o

nascimento da criança e  $\pm 24\%$  mudou de casa uma vez, geralmente para uma área vizinha.

Em resumo as condições de vida das famílias, aqui identificadas pela variável arbitrária grupo sócio-económico, condicionam múltiplos aspectos da existência das crianças logo desde o período pré-natal.

No grupo sócio-económico abaixo da média as Mães durante a gravidez adoecem com mais frequência, aumentam menos de peso, os partos pós-termo são frequentes (20%) e os Pais consomem mais bebidas alcoólicas fora das refeições. As crianças das famílias com menores recursos deixaram de usar fraldas mais cedo ( $\pm 15$  meses), têm uma menor morbidade, só em 8% dos casos urgentes recorrem a um médico particular; vêm mais televisão ( $\pm 3$  horas por dia), têm sonos mais agitados e algumas ainda dormem a sesta; tomam 3 a 4 refeições por dia, quase sempre em casa e só 10% diz praticar desporto de forma organizada; ao fim-de-semana 28% ficam em casa e 35% passeiam a pé; a maioria das crianças das famílias com condições abaixo da média passa as férias na sua habitação habitual.

No grupo sócio-económico intermédio algumas Mães dizem ter fumado durante a gravidez e as frequências de aumento reduzido de peso e de aumento excessivo são significativas. As crianças das famílias do grupo intermédio têm sonos mais agitados, são acompanhadas por um médico particular em 19% dos casos, vêm televisão  $\pm 2$  horas por dia, tomam 3 a 4 refeições por dia, quase sempre em casa e 22% diz praticar desporto de forma organizada; ao fim-de-semana 12% ficam em casa, 31% dão passeios a pé e 44% dão passeios de carro; nas férias 64 % desloca-se para outra localidade.

No grupo sócio-económico acima da média as Mães raramente aumentam menos de 7 kg durante a gravidez e em 30% dos casos aumentam mais de 12 kg; os Pais consumiram mais bebidas alcoólicas fora das refeições que nos outros grupos. As crianças nascem preferencialmente em

estabelecimentos de saúde privados, o parto é normalmente assistido por um médico, o processo de parto tem maior probabilidade de ser uma cesariana e a frequência de prematuros é mais elevada (11%); a idade média de deixar de usar fraldas é mais tardia que nas crianças dos outros grupos ( $\pm 21$  meses), mais de um terço ficam em casa até aos 3 anos mas a partir dessa idade só 2% não frequentaram o infantário; nas famílias mais favorecidas as crianças tendem a seguir um ritmo de deitar mais regular e a dormir um pouco mais durante a noite, mas raramente fazem sesta; neste grupo as crianças vão para a escola de transporte particular, demoram mais de um quarto de hora no trajeto, ficam até 10 horas fora de casa, têm em geral 4 ou 5 refeições diárias mas só 2 ou 3 servidas em casa, usualmente vêem televisão uma hora por dia e 68% pratica desporto, pelo menos uma vez por semana; ao fim-de-semana só 3% ficam em casa, 13% dão passeios a pé e 81% dão passeios de carro; nas férias 97 % desloca-se para outra localidade.

sem texto

Em branco

sem figuras